As Cartas Não Mentem

Homem na capa

Ah... Um homem na capa! E cabeludo! Até que enfim um homem na Macmania (tirando vocês, é claro...). Parabéns pela iniciativa. Diversas amigas já estão comprando a revista deste mês. Só querem saber se o rapaz vem junto. :)

Ana Paula Santos
aninhapaulasantos@zipmail.com.br

O rapaz vai ser sorteado em dezembro, entre as leitoras que possuírem o maior número de exemplares da edição 88.

Tenho muito orgulho de ser um dos assinantes fiéis da Macmania, mas desta vez fiquei envergonhado ao circular pela empresa em que trabalho com a revista contendo um cara seminu na capa. Pior ainda foi quando abri e o vi totalmente nu. Achei que tinha recebido por engano a G-Magazine. Porque vcs. transformaram princesas em sapo? Peço que tudo volte ao normal!!!!!

Ivan Zarif Junior
zarif@uol.com.br

Como voltar ao normal? Nunca saímos dele!

Muitos parabéns pela maravilhosa capa da edição 88. O rapaz é belíssimo. E qual não foi a surpresa ao ver a parte interna da revista! Pra falar a verdade, quando vi a revista chegando num envelope pardo, em vez do plástico transparente, já fiquei desconfiado de alguma surpresa! Muito boa a diversidade, não?

Gustavo
bondi@osite.com.br

O elemento surpresa é uma parte fundamental da nossa estratégia editorial. Mas não exagere na paranóia. O envelope pardo foi só porque acabou o saco plástico.

Tudo bem, tudo bem, vocês precisavam atender aos pedidos das mulheres desesperadas por homem na capa... mas precisava ser PELADO?? Pelamordedeus, não me tachem de moralista, mas vocês sabem... pega muito mal com seus amigos, que usam PC e adoram ler a Macmania de vez em quando, primeiro verem aquele cara na capa (eles já tão acostumados com as modelos lindas na capa)... e dentro da revista ele tá PELADO!!! Peraê! Pega leve! EU QUERO MINHAS MODELOS DE VOLTA!! Cadê a Ana Paula Papa?

André Luiz M. Ferreira
andre0@terra.com.br

Normalmente, quando o leitor é bem resolvido, ele tira isso de letra. Mas se há dúvidas...

Problemas aurelianos

Depois de muitas dificuldades, consegui comprar uma versão do Aurélio Século XXI para Mac. Instalei o programa em um Power Mac G3 233 DTP com 288 MB de RAM e System 8.6, e funcionou sem problemas. Depois de atualizada a máquina para o System 9.0.4, ele não abriu nas duas primeiras vezes que tentei abri-lo. Mas funcionou na terceira vez e depois nunca mais. Fiz o recomendado: joguei o arquivo no System Folder. Também não tenho pretensão de atualizar o sistema para o 9.1, que não funciona bem com o ATM.

Marcus Lemos
khaqui@terra.com.br

É um bug conhecido da versão 1.0. Basta selecionar qualquer impressora no Chooser (mesmo que ela não exista de verdade). Recomendo atualizar o Aurélio para a versão 1.03, que conserta esse e vários outros bugs. A atualização está no meu site: www.brockerhoff.net.

Rainer Brockerhoff

QuickTime matou meu PC

Baixei do site da Apple o instalador do QuickTime para Windows e, quando cliquei no arquivo Quicktime.exe para iniciar a instalação em um PC aqui do escritório, alguns arquivos no desktop começaram a sumir. Pensei que fosse algum tipo de "reconstrução do desktop", mas quando o menu do Windows desapareceu (!), tentei restartar a máquina e ela não inicializava. Tentei com um disquete acessar o drive C e qual não foi a minha surpresa ao constatar que ele tinha sido completamente apagado (99% dos arquivos e diretórios). E lá estava o maldito quickt~.exe. Sei que vocês não podem fazer nada pelo que aconteceu, nem vão recuperar os arquivos que perdi. Mas, e a responsabilidade da Apple de cuidar dos arquivos que ela disponibiliza para downloads? Sou usuário de Macintosh há 10 anos e nunca tive problemas de vírus e coisas do gênero. Baixar um programa da Apple sempre me pareceu seguro, mas perder tudo no PC com um programa da Apple é demais (mesmo não gostando de PC). E agora, como é que fica?

Cláudio Parreiras
arquiteturapca@metalink.com.br

Diariamente, milhares de pessoas baixam o QuickTime. Com certeza, se ele estivesse infectado a gritaria seria geral e irrestrita. Mais provável que o vírus já estivesse alojado no seu PC e o QuickTime tenha sido só a proverbial gota d'água.

Fonte do Mac OS no PC?

Uso PC e gosto das fontes que o Mac OS usa como padrão em suas janelas. Gostaria de saber se essas fontes estão disponíveis na Internet e onde achá-las.

Rodrigo Cavalheiro
rodricav@uol.com.br

E um milk-shake de morango pra acompanhar, vai? Essas fontes são exclusivas da Apple. Não tem pra download.

Barriga na tradução

A revista de vocês é muito boa. Acho legal que o uso de expressões em inglês venham sempre em itálico. Eu, mesmo, aqui em Brasília, edito uma revista para o pessoal do mercado financeiro (que usa muitas expressões em inglês) e faço o mesmo, sempre que aparece algo oriundo da terra do Tio Sam. Entretanto, acho que já é demais traduzir expressões, tornando-as completamente sem sentido. Um exemplo é o Test Drive publicado na revista número 87, página 32, onde se lê "estado-da-arte". *State of the art* não tem nem nunca teve tradução direta, mas sim uma adaptação ao nosso idioma, e - – como você sabe – quer dizer "a última palavra", "o mais moderno" etc. Creio que usar "estado-da-arte" não é "modernizar" as traduções. Trata-se de falta de bom senso, ou de uma tradução apressada. Senão, da próxima vez que você for conversar com seus filhos adolescentes sobre "as coisas da vida", você poderá acabar correndo o risco de fazer uma mera explanação sobre "os pássaros e as abelhas" *(the birds and the bees)...*

Claudio Lessa
claudio1310@networld.psi.br

Concordo plenamente, mas o autor da matéria acha bonito, fazer o quê. Aqui pagamos mal, mas damos total liberdade de expressão. Já dizia Benjamin Franklin: "quem troca sua liberdade por uma grana preta acaba ficando sem as duas". Ou algo assim.

Gatos ao Cubo

São quase duas e meia da manhã e acabei de perder um vôo para San Diego, graças à Transbrasil. Parei num hotel com pelo menos um bom acesso à Internet. O que eu vou falar agora é muito sério. Existe um site – www.bonsaikitten.com – que ensina (apoiado por um tenebroso clã) como fazer indefesos gatos se transformarem em um cubo vivo. O que mais me deixou alucinado de ódio é que eles estão usando um Cube G4, com logo da Apple e tudo mais, para dar o exemplo dessa atrocidade. Pelo amor de Deus, processem esses caras e vamos juntar forças para que isso acabe. Será que Seu Jobs sabe disso? Estou pronto para ajudar.

Alessandro Jannuzzi
alessandro@sandbeach.com.br

Claro que o Jobs sabe. Aliás, esse foi o motivo real para o cancelamento do Cubo, que ao contrário do que muita gente pensa, estava vendendo muito bem. Falando sério, agora: relaxe. O Bonsai Kitten é só uma pegadinha. (E, pensando bem, talvez o G4 Cubo também tenha sido.)

Mac OS X rules!

No escritório onde trabalho, como diretor de arte, tem um mar de PCs. Pedi um Mac pra mim, mas a verba ainda não rolou... Não pensei duas vezes e no dia seguinte levei pro trampo meu iMac DV SE 400. A rede é totalmente Windows 2000, que, convenhamos, é bem estável. Levantamos o AppleTalk e, assim que eu liguei o iMaczinho, já enxerguei os servidores totalmente em pé. Tudo rodava tranquilo enquanto estava no 9.2. Comprei uma cópia do Mac OS X pelo site ▶

Índice

Bombas do editor

Eu teria chamado de louco quem me dissesse há um ano que no Mac OS X você não apenas não travaria mais como poderia capturar as telas de bomba do OS 9 rodando dentro dele para dar risada depois.
A vingança é um prato que se restarta a frio.

Mario AV
bombas.marioav.com

A Apple me enlouquece!

Acabo de receber um email de uma conhecida revenda Apple, a respeito dos novos modelos G4 e seus respectivos preços e "promoções". Não pude resistir à tentação de escrever a esta revista para uma pergunta antiga que me atormenta cada dia mais: onde a Apple Brasil pretende chegar? Qual é a justificativa para que um G4, por mais moderno e poderoso que seja, seja oferecido a preços entre R$ 7.300 e R$ 16.900?

Há tempos os preços praticados aqui estão, no mínimo, fora da nossa realidade. Agora, porém, talvez a pretexto dos "novos recursos", juntamente com a "alta do dólar" (convém lembrar que já estava alto há muito tempo), chegamos ao total absurdo. Não existe tecnologia, design, nada que justifique esse abuso! Querem o quê? Que a gente venda nossos carros pra pagar um micro? Ou será "mico"? Será que a Apple pensa que aqui no Brasil nós, que usamos o computador como ferramenta, podemos cobrar um valor tão alto pelos nossos serviços que justifique a compra de uma máquina dessas?

Acabei de vender um G3 bege e comprar um G4 466 pelo qual paguei – não sem sofrimento –R$ 5.940. Uma máquina poderosíssima, que a Apple simplesmente tirou de linha como se fosse obsoleta, passando a nos enfiar configurações cada vez mais arrojadas e caras. Por que não deixar os modelos atuais por mais tempo? Quem precisa de tamanha tecnologia ou poder de processamento? Isso me cheira cada vez mais a maquiagem para a subida dos preços, lá nos EUA e principalmente aqui.

Há três anos uso Mac e sou um defensor ferrenho da maçã. Mas confesso que estou quase desistindo. Se a coisa continuar dessa forma, tenho um palpite de que o padrão Wintel irá abocanhar o que resta do mercado Apple. Talvez somente uma meia dúzia de agências de propaganda e um ou outro estúdio de TV se aventure a comprar um Power Mac... Exagero? Se não me falha a memória, algumas estações Silicon Graphics saem mais em conta que um G4 topo de linha.

Apesar das diferenças de padrão de qualidade entre as duas plataformas, que todos nós já conhecemos, a realidade é que hoje em dia não há praticamente nada que se faça num Mac que não se possa fazer num bom PC! Sejamos realistas! Pelo preço de dois PCs "turbinados" hoje se compra um G4 sem monitor. Com essa nova tabela que a Apple divulga, já se pode comprar três ou mais Pentiums. Sinto que este pode ser meu último Macintosh, infelizmente. Adoro o Mac, mas a continuar assim, nem iMac poderemos ter mais.

Em pleno século 21, com a popularização da informática, globalização etc., um computador ser vendido por esses valores é simplesmente revoltante e, repito, injustificável. Gostaria que a Macmania me explicasse o que ocorre, ou que algum leitor me escreva sobre o assunto e me dê um palpite, uma mensagem de alento... Quem sabe a solução não seria um boicote? Estou ficando maluco? Ou será a Apple?

Antonio Carlos L. C. Prado
ac_prado@terra.com.br

Sim, você está maluco. Mais precisamente, sofre de Psicose Macmaníaco-Depressiva, um mal que aflige milhares de usuários de Mac em todo o mundo. Sua principal causa é a disparidade entre o tamanho do bolso do usuário e o preço do seu objeto de desejo. Infelizmente ainda não foi descoberta a cura para ela, apenas tratamentos sintomáticos, como arrumar um emprego melhor ou ganhar na loteria. Seus efeitos mais graves são o embotamento da percepção da realidade: o doente passa a achar que a Apple é uma empresa mais gananciosa, egoísta, malvada, feia ou burra que outras empresas do mercado. Começa a acreditar que a alta do dólar não é um fato econômico, mas uma desculpa para essa empresa maligna arrochar ainda mais seus pobres usuários. Em casos graves, o portador da PMD pode até cometer atos de total insanidade, como escrever cartas para uma revista conhecida por esculachar seus leitores em público. Ou balbuciar coisas sem sentido, como pedir que a Apple pare de fazer computadores mais rápidos e com mais recursos ou tentar promover um boicote aos seus produtos.

Normalmente não passa pela cabeça do macmaníaco-depressivo comparar o preço dos laptops da Apple com os laptops Wintel e reparar que, em termos de preço/desempenho, os iBooks e PowerBooks são extremamente competitivos. Nem chegar à conclusão de que isso ocorre porque – ao contrário do que acontece com computadores de mesa – os fabricantes de PC não produzem laptops no Brasil, ficando sujeitos às mesmas regras e taxas que a Apple obedece.

Em vez de dar vazão à paranóia delirante categoria luxo, alguém de posse de suas faculdades mentais chegaria rapidamente à única conclusão possível: de que os Macs são muito mais caros proporcionalmente aqui do que nos EUA porque são importados e não têm nenhum tipo de benefício fiscal. Só que, para alguém que está num estágio avançado de PMD, saber disso não traz nenhum alívio. Só lhe resta recitar o mantra: "mais vale um gosto que todo o dinheiro do bolso". E esperar a crise (psicológica ou financeira, o que vier primeiro) passar.

da Apple. Mandei entregar na casa de um amigo que está nos EUA, e ele enviou pra mim. Não tive dúvidas e instalei o danado em uma outra partição que havia deixado de reserva, formatado em UNIX Filesystem. Bom, beleza, e para trabalhar com o danado? "Vamos pras cabeça", pensei comigo mesmo. Configurei o Classic, meus emails e tranquilo. Quando chamei o Fireworks, ele "startou" o Classic, chamou as diálogos de *login* nos servidores de rede e trouxe o Fireworks pra frente. Tudo mais ou menos rapidinho. Meu desespero apareceu quando fui procurar a pasta de rede à qual eu costumava trabalhar no 9.2 e ela simplesmente não aparecia. E eu havia "logado" perfeitamente no início do Classic. O que poderia estar causando essa falha? Eu via o ícone da pasta compartilhada no meu desktop. Mas ao clicar nela, o conteúdo era vazio.

Desisti e restartei no 9.2. "Mas isso não pode ficar assim", pensei novamente comigo mesmo. Voltei ao X, e antes de chamar o Classic, mandei um ⌘K para me "logar" a um servidor. Nenhum deles apareceu na lista, então conectei-me via IP. Pimba! Surgiu o diálogo do X para "logar", entrei a senha e tchuns! Lá apareceu o ícone novamente no desktop. Bastava agora saber se o conteúdo iria aparecer. Cliquei na danada e que surpresa agradável eu tive. Todo o conteúdo estava lá *na buena*, e completamente editável, assim como era no 9.2.

O teste final foi chamar o FW e o DW e deixar os caras rodarem livremente, o que foi numa boa e nada travou (e isso nunca mais aconteceu no X em *Unix file format.)*

Fico pensando como será quando a Apple portar o Finder totalmente para Cocoa; aí não vai ter pra ninguém. E quando a Microsoft carbonizar por completo o Office, vamos estar a meio caminho andado para o corporativismo, trocando arquivos com os pecezistas ainda não convertidos para o lado negro da Força (Darth Vader é muuuuito mais macho que o o boiola do Luke, concordam?).

Para completar, a Macromedia poderia carbonizar logo o Trio Flash, Dreamweaver, Fireworks e aí fu... Deu pra sacar? A cada dia que passa me surpreendo mais com o X. Êta OS porreta, sô!

Marcello Dantas Correia
marcellocorreia@mac.com

True, true... *Com o Mac OS X 10.1 já não tem pra ninguém. Enquanto no mundo Windows a* feature *mais discutida do novo sistema é a perda da sua privacidade e do direito de instalar seu sistema onde você bem entender, no Mac é só alegria.*

Faltou um detalhe

Boa a reportagem sobre o Outlook 2001 na Macmania 87. Apenas um detalhe deve ser alertado aos possíveis usuários em rede Windows NT. Para tudo funcionar direitinho, é preciso ajustar a "Connection Type" para AppleTalk (Control Panel ▸ Outlook Settings ▸ Microsoft Exchange Server ▸ Connection Type ▸ AppleTalk). Caso contrário, o programa não consegue encontrar o servidor.

Roberto de B. Emery Trindade
emery1@mac.com

Com essa dica e nossa matéria quinta-coluna desta edição, prevemos que o número de Macs infiltrados em grandes corporações vai aumentar exponencialmente. E no próximo vírus de email que aparecer, só eles sobrarão.

Outono do Outlook

Sinto que a vida do meu Outlook 5.0 está chegando ao fim. É um pau atrás do outro. Como faço para proteger as minhas mensagens arquivadas antes da catástrofe?

Peter Dietrich
peterd@uol.com.br

Abra o programa segurando a tecla Option. *Ele vai reconstruir o banco de mensagens. Reconstruiu, tá novo.*

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Patrono: *David Drew Zingg*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Departamento Comercial: *Artur Caravante, Francisco Zito*

Gerência de Assinaturas: *Fone: 11-3253-3856*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Circulação: *Stanic Consultores Associados*

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C.França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Marcelo Martinez*

Redatores: *Daniel Roncaglia, Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistentes de Arte: *Juliano Kirschner, Thaís Benite*

Revisora: *Julia Cleto*

Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Fido Nesti, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*

Fotolitos: *Input*

Impressão: *Copy Service*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 577 CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ Fone: 21-879-7766*

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda. Rua Topázio, 661 – Aclimação CEP 04105-062 – São Paulo/SP Fone/fax: 11-3253-0665*

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na Mídia TONY DE MARCO

ENGORDURANDO O TECLADO

O Portal do Sabor mostra claramente que quem está acostumado a só comer sanduíches morre de inveja de um belo almoço com vinho. Mas repare que a moça parece estar mais interessada no iMac do que no macarrão com camarões.

DESENGORDURANDO O TECLADO

O creme Nivea sugere as funcionárias relapsas que, em vez do casaco, elas pendurem o roupão na cadeira. Essa quem mandou foi o prezado amigo Haroldinho.

ARRASA-QUARTEIRÃO

Bem pequenininho, no folheto da locadora, o pedido: visite o nosso site. De preferência com um adivinhe o quê.

DISCOS, VÍDEOS, LIVROS E...

Adivinhe o que tem no fundo de um bilhete do cybercafé da Tower Records em Dublin? Esse quem mandou foi a Julia Cleto.

Importante mesmo é o que o internauta tem na memória.

Prêmio iBest Top of Mind.

APPLE NA CABEÇA

Adivinhe o que está no topo da mente dos criadores da campanha iBest Top of Mind? Pois é.

NO DIA DAS CRIANÇAS, NÃO ESQUEÇA DO MEU...

Adivinhe o que os filhos dos clientes do Banco Real disputam a tapa na hora da brincadeira? Adivinhou.

CLIQUE É COM "Q" OU COM "K"?

O Pai dos Burros virtual já está à disposição dos burros virtuais. Ufa, até que enfim uma propaganda que não tem um iMac!

VENDENDO SEU EQUIPAMENTO VELHO, HUGO?
ISSO AÍ: PRA COMPRAR UM NOVO!
HUGOSOFT

POSSO PEGAR UM CAFEZINHO?
CLARO, É DEZ REAIS.

DEZ REAIS?!
ALGUMA COISA AQUI TEM QUE RENDER, NÃO?

UAU!
...FOI DIFÍCIL, MAS ESTE ANO EU TROUXE ALGUMA COISA DA FENASOFT!
LAERTE

...O SEGURANÇA QUASE ME PEGOU NA SAÍDA...!

OLHA QUE LEGAL, BETH!... DESSE TAMANHO — E É UM COMPUTADOR COMPLETO!
SUPER PRÁTICO, HUGO!

MAIS OU MENOS: OS PERIFÉRICOS TÊM QUE VIR DE TRENZINHO...
LAERTE

UM REAL...?
SINTO, DEIXEI A CARTEIRA EM CASA...

SEM PROBLEMA — CHEGANDO LÁ, DEPOSITE EM MINHA CONTA ONLINE!
www.laerte.com.br

CONTO CONTIGO, EIN? NÃO VAI ME DEIXAR DESCOBERTO!!
LAERTE

Um show na estrada

Antonio Matos

Em sua terceira edição, o **Apple Solutions Road Show,** evento da Apple Brasil que visita as principais capitais brasileiras, está se tornando o principal ponto de encontro entre os macmaníacos históricos e os recém-convertidos. Em parceria com várias empresas, como Adobe, Iomega, Epson, Corel, Lexmark, McAfee, Alias|Wavefront, entre outras, o Road Show é a oportunidade de ver de perto as novas tecnologias Apple nas áreas de software (Mac OS X 10.1) e hardware (iBook e G4 Quicksilver). As primeiras cidades visitadas foram Belo Horizonte e Rio de Janeiro, seguindo para Brasília, Recife, Porto Alegre e, por último, São Paulo (veja no site da Apple Brasil o cronograma dos eventos). Segundo Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple Brasil, até o final do evento esperam-se que cerca de 3.500 macmaníacos tenham visitado os estandes do Road Show.

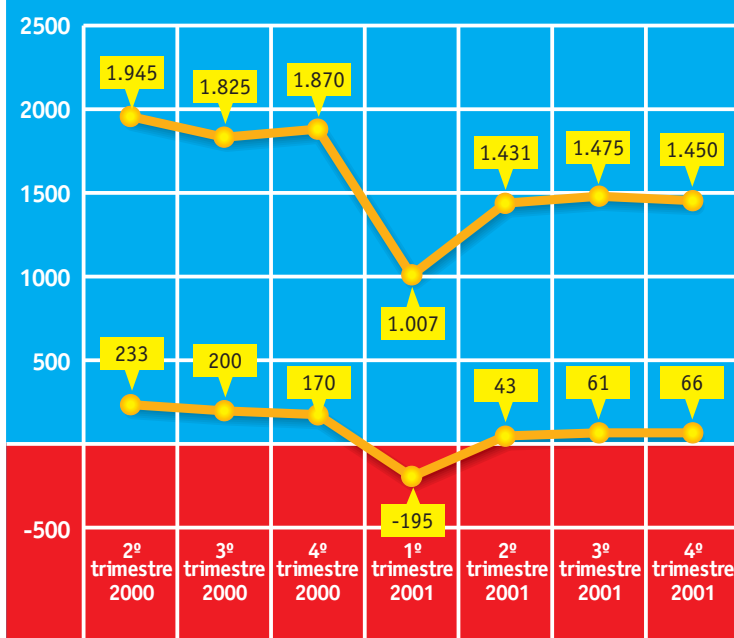
No Rio de Janeiro aconteceu a estréia no Brasil do programa Maya, um dos mais conhecidos na área de animação em 3D. Para Paulo Menezes, gerente geral da Alias|Wavefront, o interesse demonstrado pelos macmaníacos, tanto no Brasil como no resto do mundo, mostra que a decisão de portar o Maya para o Mac OS X foi acertada. "O nosso escritório no país existe há três anos, e desde janeiro de 2000, quando o Maya para Mac foi anunciado, temos recebido vários telefonemas e emails procurando mais informações sobre o produto", disse Paulo. O software está disponível desde 18 de setembro.

Outro novo parceiro, a Iomega, também teve um estande no Road Show. A principal atração foi sem dúvida o Peerless, o novo drive removível. "É o nosso primeiro contato direto com os macmaníacos e, até agora, foi excelente", comemorou Wallace Santos, gerente geral da Iomega no Brasil. "O público conhece bem nossos produtos; chegou a hora de nós conhecermos melhor os macmaníacos", explicou Wallace.

Uma novidade nesta edição do Road Show foram os workshops, com 20 Macs à disposição dos participantes inscritos. "Chegamos a ter mais de 100 pessoas para cada um dos cursos, mas, infelizmente, nem todo mundo pôde participar", informou Pellicciari. Os assuntos abordados, por enquanto, são apenas teconologias Apple (Mac OS X 10.1, Final Cut Pro e DVD Studio Pro), mas em futuros eventos é possível que outras empresas também participem.

Assim como no Road Show anterior, boa parte dos participantes são de pecezistas que estão interessados em conhecer melhor a plataforma Apple. "Temos cerca de 50 a 60 por cento de usuários híbridos, aqueles que usam PC mas conhecem o Mac", contou Rodrigo.

Apple longe da crise

Situação financeira é melhor que a da média das empresas de informática

A **Apple** anunciou o resultado do último trimestre do ano fiscal 2000/2001, que terminou dia 29 de setembro. O lucro da empresa ficou em US$ 66 milhões (US$ 0,19 por ação).

O resultado, apesar de ruim comparado ao do ano passado, quando a Apple teve um lucro de US$ 170 milhões, foi melhor do que o esperado nestes tempos bicudos para a indústria de informática. Foram vendidos cerca de 850 mil Macs durante o trimestre; 41% do total de vendas vem de fora dos EUA.

O faturamento (US$ 1,45 bilhões) caiu 22% em relação ao mesmo período do ano passado.

Para Steve Jobs, o ano fiscal 2000/2001 foi bom, levando em consideração todos os problemas enfrentados (fracas-

iBook e PowerBook mais rápidos

A Apple renovou suas linhas de portáteis **iBook** e **PowerBook G4.** Sem nenhuma mudança no design, as novidades se concentraram no aumento de poder de processamento, memória e HD.
O PowerBook Titanium agora traz um novo chip de aceleração gráfica, o ATI Mobility Radeon com 16 MB, e chips de 550 e 667 MHz no lugar dos de 400 e 500 MHz. Os dois vêm com porta Gigabit Ethernet, e o de 667 MHz já vem com placa AirPort instalada e teve o barramento do sistema acelerado para 133 MHz. Agora também há a opção de comprar um Titanium com CD-RW em vez do drive de DVD, mas, por enquanto, só no site da Apple. Os preços são: US$ 2.199 (500 MHz) e US$ 2.999 (667 MHz).
Em relação ao iBook – entre os produtos Apple mais vendidos em seu quarto trimestre fiscal – as mudanças não foram muito mais significativas. Ele agora vem com HD de 15 ou 20 GB, tamanho mais adequado para quem quer aproveitar a porta FireWire para capturar e editar vídeo. Todos os modelos vêm com 128 MB de RAM, e os dois mais caros agora vêm com processador de 600 MHz. A Apple continua oferecendo três modelos separados, com drives de DVD, CD-RW e combo CD-RW/DVD. Os preços continuam os mesmos da linha anterior, exceto o modelo combo, que caiu US$ 100. Os novos portáteis marcam também o fim da fonte de força redonda, trazendo uma quadrada que resgata uma das funções perdidas do iBook original: a rodela luminosa no plug de força, que indica se a bateria está carregando ou cheia.
Como cereja na ponta do sorvete, a Apple está vendendo os novos modelos com o dobro de memória RAM pelo preço normal.

Essa é a nova fonte do iBook

so do Cubo, desaquecimento da indústria de informática e o atentado ao World Trade Center).
Mas, segundo Jobs, houve pontos positivos: a Apple ampliou sua participação e reforçou a liderança no mercado educacional, no qual o volume de vendas triplicou no último trimestre; as lojas de varejo nos EUA são um sucesso, com 25 delas inauguradas até o final de 2001; e os lançamentos do Mac OS X e de seu update 10.1 em setembro reforçaram a imagem da Apple como criadora de produtos de alta qualidade.

Liquidez

Fred Anderson, o diretor financeiro da Apple, afirmou que a situação da empresa é sólida: são US$ 4,3 bilhões em dinheiro em caixa.
Ele também acredita que o final do ano, apesar das incertezas da economia, será relativamente bom, mas o primeiro trimestre de 2002 será melhor, graças a novos produtos que serão lançados em janeiro.
Ou seja: vem mais coisa boa por aí.

Enquete

Perguntamos no nosso site:
O que a Apple precisa fazer para ampliar seu mercado no Brasil?

Baixar o preço dos Macs
63,14%

Começar a fabricar Macs aqui
23,43%

Ampliar a oferta de programas em português
3,94%

Mais propaganda
3,33%

Melhorar a assistência técnica
2,22%

Investir em literatura técnica sobre Mac
2,11%

Aumentar os pontos de venda
1,82%

Ajuda ao vivo

Iomega resolve problemas via chat

Está com alguma dúvida sobre aquele periférico da **Iomega** e não sabia para quem perguntar? Pois agora o site da empresa disponibilizou um sistema de ajuda ao vivo e, o que é melhor, em português. Segundo a Iomega, um grupo de consultores fica em uma sala virtual, esperando pelas perguntas dos usuários. As dúvidas são resolvidas como num chat normal. No final da conversa, é enviado um email com uma cópia da "consulta". Além da ajuda, o usuário encontra no site todos os manuais e informações dos produtos da empresa e uma lista de perguntas mais frequentes. O serviço funciona das 10 às 19 horas.
Iomega: www.iomega.com/support/la/portugues

Nomes mais longos para todos

O Mac OS X pode lidar com nomes de arquivos absurdamente longos. Agora, chegou a vez do sistema clássico também ultrapassar o limite dos 31 caracteres. O programador Norbert Doerner criou um software chamado **Long Info CMM,** que possibilita criar nomes de arquivos com até 255 caracteres direto no Mac OS clássico.
O novo programa adiciona um módulo no menu contextual para visualizar e editar os nomes longos.
Na verdade, desde o Mac OS 8.1 já era possível criar nomes longos, por conta do formato HFS+ (também conhecido como Mac OS Extended). Porém, a Apple nunca implementou essa função para uso normal.
O programa é freeware (grátis) e extremamente útil para quem vive pulando entre o Mac OS 9 e o OS X.
Long Info CMM: http://www.cdfinder.de/LongInfoCMM.sit

Um Get Info decente no OS X

Programa brasileiro faz raio-X de arquivos

Quem já utiliza o Mac OS X deve ter notado que o Show Info (ex-Get Info) mudou, mas ainda não apresenta informações importantes nem permite editar outras, relacionadas com o sistema de arquivos. Para contornar essa situação surgiu o programa **XRay**, criado pelo desenvolvedor brasileiro Rainer Brockerhoff (conselheiro editorial da Macmania).
Utilizar o XRay é bem fácil: basta arrastar um aplicativo ou uma pasta para o ícone do programa para ver numa janela todas as informações disponíveis sobre o item, podendo-se modificar atributos e permissões. Além disso, o XRay aceita plug-ins – que podem ser instalados ou desinstalados via arrastar-e-soltar *(drag and drop)* – para manipular arquivos, como editores hexadecimais ou de *resources*.
A versão disponível no site é um beta público e deve ser encarada como tal: um programa ainda em desenvolvimento, com alguns bugs. Ela funciona até o dia 15 de dezembro, mas a versão final deverá sair antes desse prazo. O preço de registro ainda não foi definido.
Rainer Brockerhoff: www.brockerhoff.net

Estufando gostoso

A Aladdin Systems lançou a versão 6.5 do seu programa de compressão de arquivos, o **StuffIt Deluxe.** A atualização é compatível com o Mac OS X.
Uma das principais novidades é a possibilidade de criar pacotes de compressão personalizados, que automatizam tarefas como compactar e enviar arquivos. Outras funções interessantes são o sistema de busca dentro dos arquivos comprimidos e a encriptação de segurança. Quem tem o Mac OS X ganha o Magic Menu, um ícone do StuffIt na barra de menu com as principais funções. O preço é US$ 79,95; quem tiver uma versão anterior paga US$ 19,95, diretamente para a Aladdin. Se você precisa apenas do descompactador, existe a versão Light, que pode ser baixada de graça no site da empresa.
Aladdin Systems: www.aladdinsys.com

Canon com a corda toda

Mais scanners e impressoras para Mac

A Elgin, distribuidora da **Canon** no Brasil, lançou dois novos modelos de scanners e duas impressoras jato de tinta.
Com resolução máxima de 1200x600 dpi e interface USB, os dois novos scanners da Canon, o D646U e o D660U, têm profundidade de cor de até 42 bits (até 4,4 trilhões de cores). O Canon D660U *(foto)* custa R$ 661 e tem um adaptador para digitalizar filmes negativos e positivos de 35 mm. O Canon D646U é mais barato, R$ 299, e tem uma tampa chamada Z-Lid, para escanear livros e catálogos.
A impressora Canon S800 usa até seis cartuchos de tinta. Além dos quatro tradicionais (preto, ciano, magenta e amarelo), pode-se utilizar o *photo-cyan* e o *photo-magenta*. Sua resolução é de 2400x200 dpi e a velocidade de impressão é de 4 folhas por minuto. A Canon S600 imprime 15 páginas por minuto com a mesma resolução e é dirigida a quem precisa de grande volume de impressão. As duas possuem porta paralela e USB. A S600 custa R$ 1.118 e, a S800, R$ 1.712.
Canon: www.canon.com.br

A nova moda é a tampa preta

Os feras do software

Grade de programação na Web: faça sua própria revista

Quem vê as revistas de programação de televisão por assinatura, com todos os canais e filmes, deve imaginar que fazer aquela grade deve ser coisa de louco e muito trabalhoso. Seria, não fosse por um programa da **Esferas Software,** que automatiza toda essa tarefa. Criado por Ricardo Tannus, hoje o aplicativo está presente na redação da maioria das editoras responsáveis por esse tipo de publicação.

"A Esferas surgiu em 1994, com o primeiro software para Mac feito no Brasil, o Banco Fácil (gerenciador de contas bancárias)", relembra Tannus. De lá para cá, a empresa deixou de lado o desenvolvimento de programas dirigidos a pequenas empresas, passando a se dedicar a partir de 1997 a dois nichos de mercado: revistas e sites para televisão por assinatura e produtoras de comerciais. Atualmente, todas as soluções criadas pela Esferas são baseadas em 4th Dimension, software francês de banco de dados.

Programando seu canal

O programa que gera a grade de programação das revistas e sites de TV a cabo é responsável por cerca de 70% do faturamento da Esferas. O software é bem simples de usar: importa-se as informações sobre os filmes e programas de um banco de dados, ou digita-se o texto de resumo, títulos etc. Depois disso, basta definir os horários e dias da programação e passar tudo para a página da revista, no QuarkXPress. "O modelo *(template)* é feito por nós, seguindo o design criado pela editora", explica Ricardo.

A novidade são os programas de grade para a Internet. "Esse é um novo nicho interessante para ser explorado", disse Ricardo. Com essa nova ferramenta, o cliente pode criar o seu guia personalizado de programação. Ele escolhe os canais que deseja imprimir e recebe por email um arquivo em PDF com a grade completa. Daí, basta imprimir, se quiser. Assim, a revista personalizada sai por um custo quase zero, repassado ao assinante (cartucho de tinta, conexão com a Internet etc.). O que parece ideal poderia ser ainda melhor, acredita Ricardo. "Falta visão do pessoal para ampliar e melhorar esse serviço. Temos muitas idéias e soluções interessantes, mas ainda não foi possível implementá-las."

Esferas investe em programas para Mac há sete anos

Organizando a produção

O outro programa da Esferas é um gerenciador de custos e orçamentos de comerciais, específico para agências de publicidade. O software organiza todos os dados sobre preços para se criar um anúncio e prepara o relatório final. "Ele foi todo desenvolvido pensando nas necessidades de uma agência, como fluxo de produção, contas a pagar, a receber e todos os processos que envolvem a produção de um comercial. A importância do orçamento numa agência é tão grande que, normalmente, quem cuida dessa função é um dos sócios da empresa", explica Ricardo. E, como nas grandes agências o Mac é a plataforma dominante, o programa da Esferas tem tido boa aceitação. "Estamos atualmente em seis grandes empresas, mas aos poucos pretendemos ampliar nosso leque de clientes".

"Hoje utilizamos o 4th Dimension, porque é a ferramenta mais integrada e profissional disponível para o Mac", explica Tannus. A integração é fundamental para o desenvolvimento: quando se cria um software é possível fazer simultaneamente o programa para rodar localmente e na Web, sem necessidade de plug-ins ou "gambiarras". "Outras soluções, como o FileMaker, são mais direcionadas ao usuário doméstico ou para pequenas tarefas. O FileMaker é intuitivo, versátil e excelente para o usuário comum que quer desenvolver sua própria solução de banco de dados. O 4D é mais indicado para o programador profissional. Se eu quiser fazer um programa e depois ajustá-lo para a Internet, utilizando o FileMaker terei que fazer muitas modificações e voltas. Com o 4th Dimension, sai tudo rapidinho e sem problemas", diz Ricardo.

A Esferas conta com 10 pessoas trabalhando e desenvolvendo programas para Mac e PC. "Hoje em dia não dá para pensar em ficar preso a apenas uma plataforma. Por isso, desenvolvemos tanto para Mac como PC, desde 1996", finaliza Tannus.

Esferas Software: 11-3167-4499
www.esferas.com.br

Gerenciador de agências

Eis os feras (Ricardo Tannus é o homem de preto)

Tony de Marco

Geradores de grade para revistas de programação de TV

Coexistência pacífica

Vale a pena lutar pelo direito de Pensar Diferente. Saiba como sobreviver com um Mac num mundo cheio de PCs. Veja como infiltrá-lo num ambiente corporativo ou qualquer outro lugar dominado por máquinas Wintel. Saiba como não ser apenas uma ilha excêntrica em um oceano de conformidade!

Por Ricardo Cavallini

Usuários de Mac estão acostumados às consequências de pertencer a uma minoria, isolados num mundo próprio fechado de bom gosto e de elegância.

Mas existe uma situação em que essa solidão se torna mais penosa: quando estamos trabalhando em uma grande empresa e fugir às regras é muito mais complicado. A questão é que, tirando raríssimas exceções, a informática das grandes empresas é fundamentada exclusivamente na combinação Intel/Microsoft (ou seja, PCs com Windows), tornando difícil a convivência de um "bicho diferente" como o Macintosh.

A primeira dificuldade que alguém sente ao tentar introduzir um Mac em uma grande corporação não é nem técnica: é *política.* Gerentes de CPD não gostam da idéia da presença de uma tecnologia "alienígena" em sua rede, sobre a qual eles conhecem pouco e não vão conseguir exercer o poder de sua sabedoria onipresente.

É claro que existem outras questões, como o *custo* de se ter um Macintosh. Grandes empresas costumam comprar computadores "de marca" – Dell, Compaq, IBM etc. – , que são mais caros que um PC "Frankenstein", mas, como muitas vezes isso é feito em número elevado, o valor unitário dos equipamentos acaba sendo baixo. Muitas licenças de softwares são compradas em série e as grandes *software houses* não têm pacotes *cross-platform* para licenças.

Mas vamos pular essa parte e partir do princípio que o pessoal da sua empresa é muito legal ou que você já passou por cima disso, usando a lábia que ganhou durante anos convencendo seus amigos de que o Mac é melhor que o PC. Vamos trabalhar para o seu Mac fazer amigos no trabalho.

Periféricos

Antigamente isso era um problema, mas se você tem um Mac novo, não precisa se preocupar muito com periféricos. Com duas portas USB presentes em todos os novos Macs, você vai conseguir plugar a grande maioria dos gravadores de CD, scanners, impressoras e outros periféricos. A única exigência é que eles tenham drivers para Mac, o que pode ser descoberto em uma visita rápida ao site do fabricante.

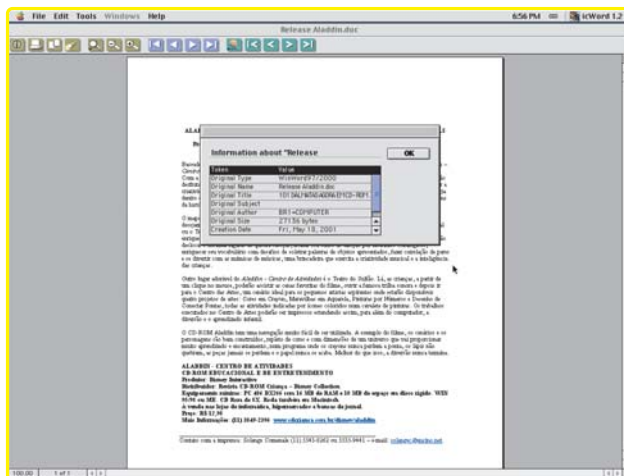
Assistência médica

Suponhamos que você não é experiente em conserto de computadores. O que acontecerá se o seu Mac der pau? Esse é um item problemático

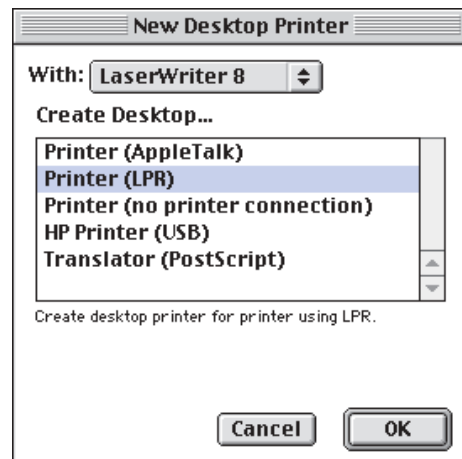
Abrindo o Office na marra

O Office é um dos conjuntos de aplicativos para escritório mais conhecidos e utilizados do mundo. No universo Wintel, ele é onipresente. Então, como fazer quando você não tem o Office para Mac? Não precisa chorar. Alguns softwares conseguem abrir e converter os arquivos criados pelos programas da Microsoft. A nova versão do **AppleWorks** garante que abre sem problemas documentos e planilhas do Word e Excel mais novos (nada sobre apresentações do PowerPoint, desculpe).

O mais famoso programa para abrir arquivos de PC no Mac é sem dúvida o **MacLinkPlus,** da DataViz (www.dataviz.com). Atualmente na versão 13 (e compatível com o Mac OS X!), o aplicativo não se restringe apenas aos arquivos de Office, podendo converter outros tipos de formatos existentes no universo PC para um programa que você tenha instalado no Mac, mantendo até a formatação (negritos e itálicos).

Agora, se o caso é apenas converter um texto escrito em Word para PC (ou para Mac, tanto faz) sem ter o aplicativo da Microsoft, o seu programa é o **icWord** *(abaixo).* Na verdade, esse shareware faz mais do que converter entre plataformas: ele abre o arquivo e permite copiar o seu conteúdo (com uma formatação próxima à original) para o Clipboard (Área de Transferência) e também imprime. O icWord também abre arquivos compactados: .zip de PC ou .sit de Mac. Ele não edita nem salva, mas depois de copiar o texto, basta fazer as mudanças necessárias em um editor de texto qualquer.

Impressora na mesa

Trazer uma impressora pecezista para o desktop do seu Mac é um processo fácil:

1 Na pasta Apple Extras ▶ Apple LaserWriter Software, abra o Desktop Printer Utility.

2 Escolha "Printer (LPR)" e clique em OK.

3 Escolha o PPD da sua impressora. Na maioria dos casos, basta visitar o site do fabricante para baixar o driver da impressora, ou usar um PPD genérico ou o de uma impressora similar.

quando você é o único macmaníaco na empresa e o pessoal do Help Desk teima em falar para você *"reinstalar o Windows"*.

O ideal é contratar o serviço de alguém especializado, como um consultor autônomo, ou enviar seu Mac para uma revenda especializada *(veja tabela na edição 85)*. Se você não puder contratar alguém, a saída é atirar pra todo lado. Comece pela Internet, onde existem vários sites com listas de problemas e soluções; ligue para o AppleLine; registre-se em alguma lista de discussão; participe de fóruns. A comunidade Mac é unida e sempre tem alguém disposto a ajudar. O **AppleCare,** o serviço de assistência e garantia expandida da Apple, também é uma boa *(leia o box "A ajuda está na rede", adiante)*.

Compatibilidade de softwares e arquivos

Se você venceu a luta pelo direito de trabalhar em um Mac, é porque os softwares principais do seu cotidiano existem e funcionam muito bem nele. Mas isso não é tudo. Lembre que a empresa não vai mudar por sua causa; você vai ter que se virar para contornar as diferenças. Não pense que, se o seu Mac não tem o Word, alguém vai gerar um PDF do relatório mensal só para você poder ler.

Já que mencionamos o diabo, o melhor exemplo é o **Microsoft Office.** É inevitável que você receba arquivos de Word, PowerPoint ou Excel. O que fazer com eles? Há duas opções. A mais fácil é comprar um Office – fundamental se você tiver que produzir documentos nesse formato. A alternativa para quem não gosta do Office é utilizar algum programa que abra ou converta seus arquivos *(veja o box "Abrindo o Office na marra")*.

Falando em Microsoft, outro software muito usado é o **Exchange** – não somente como servidor de email, mas também em outros serviços importantes, como o catálogo de endereços completo da empresa, acesso a pastas públicas e até para agendar e marcar reuniões com outros funcionários. A versão beta do Outlook 2001 resolve essa questão, funciona bem e mantém o mesmo padrão no formato dos arquivos. Portanto, você pode importar a sua pasta de emails particular que usava no Windows *(o Outlook 2001 foi analisado na Macmania 87)*.

Se, além dos softwares de prateleira, sua empresa utiliza softwares proprietários feitos especialmente para ela ou algum software que não exista para Mac, você pode instalar no seu Mac um emulador de PC rodando o outro sistema. Claro que a maioria dos programas de que você pode precisar funciona em Windows, mas pode-se recorrer ao **Virtual PC** – o famoso emulador de PC da Connectix que, na versão atual, roda DOS, Windows 95, 98, Me, 2000 e até algumas distribuições de Linux – e rezar para a lentidão da emulação não ser um empecilho. Na maioria dos casos, se você tem um Mac rápido e a última versão do Virtual PC, a emulação dá para o gasto.

Você também vai conseguir liquidar a maior parte dos problemas relacionados a arquivos achando na Internet pérolas como a extensão **Indeo Video** (para ver vídeos no formato AVI) e o **Joliet Volume Access** (para acessar CDs no formato Joliet). Esses dois (e muitos outros) você encontrará no site VersionTracker.com.

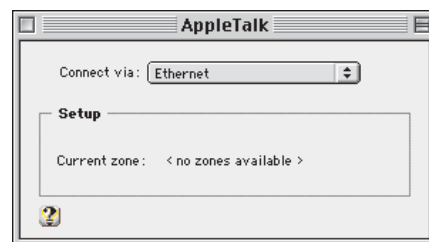
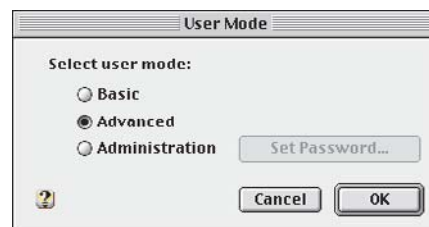
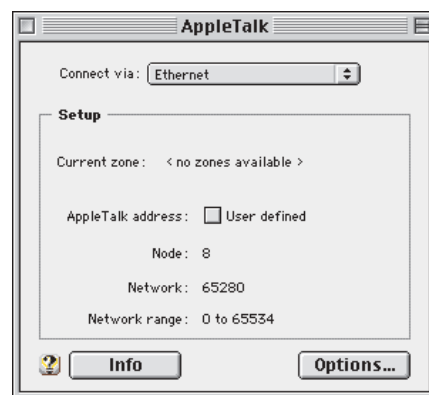
Muito software que nunca teve versão para Mac agora está saindo para o **Mac OS X,** graças ao fato de ele ser baseado em Unix. Sem falar que o Mac OS X roda sem problemas quase todos os programas do Mac OS clássico e, ao contrário dele, é diretamente compatível com volumes no formato Joliet.

Rede

Não dá para pensar em trabalhar sem estar conectado à rede da empresa. Usar a Internet é fácil, já que o Mac trabalha bem com TCP/IP (o protocolo de comunicação padrão da Internet) e a grande maioria dos softwares consegue funcionar através de um *firewall* ou de um servidor *proxy*. Uma dica útil para acessar impressoras, servidores internos e até configurar softwares como o Outlook 2001 é aprender a editar um arquivo **Hosts** *(veja o box "Hosts, o seu amigo")*. ▶

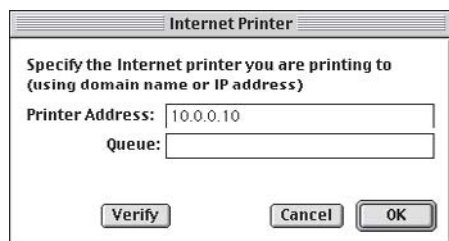
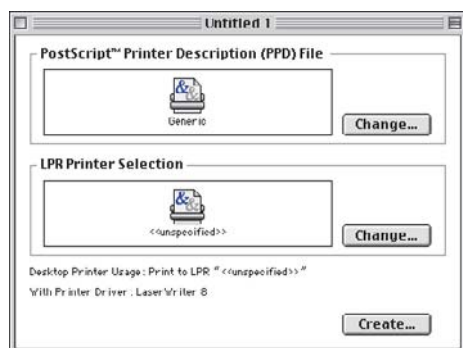
Uma rede simples

Cheque se sua rede AppleTalk está configurada corretamente:

1 Abra o painel de controle AppleTalk.

2 No menu Edit ▶ User Mode, mude para Advanced (Avançado).

3 Clique no box User Defined e mued o número do Node para cima ou para baixo; tanto faz. O importante é que ele não seja igual ao de qualquer outro Mac. O número Network deve ficar igual.

4 Salve e feche o AppleTalk.

---

4 Clique no botão Change do box LPR Printer Selection e dê o número IP da impressora.

Internet Printer
Specify the Internet printer you are printing to (using domain name or IP address)
Printer Address: 10.0.0.10
Queue:
Verify | Cancel | OK

5 Pronto, a impressora está no desktop, disponível para imprimir a partir do Mac.

A ajuda está na rede

A Internet está repleta de macmaníacos discutindo, conversando e tirando dúvidas de outros macmaníacos. São listas de discussão, fóruns, páginas de dicas, sites de soluções de problemas... Veja aqui a lista dos nossos sites de referência favoritos.

Macmania

www.macmania.com.br

Além de ser o maior site de Mac em língua portuguesa (use a ferramenta de busca para desencavar textos de até cinco anos atrás), tem fóruns de discussão, endereços de listas, dicas e artigos selecionados.

AppleCare

www.apple.com.br/apcareflash.html

O seguro do seu Mac. Um serviço que estende a garantia do seu computador, além de garantir várias ferramentas exclusivas para ajudar a resolver problemas. O custo do AppleCare é de 10% do valor do seu Mac, mas é como dizem: o seguro morreu de velhice.

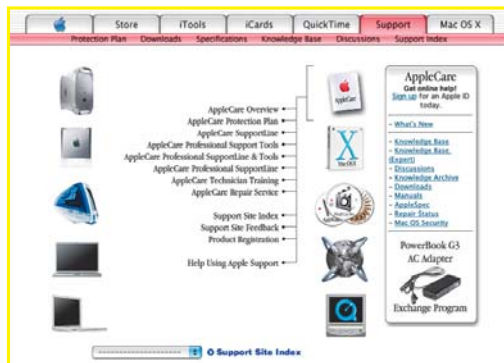
Apple Support

www.apple.com/support

Site oficial de ajuda para macmaníacos, com downloads dos programas e a documentação original para consulta.

MacWindows

www.macwindows.com

Um ponto de referência para quem está num ambiente multiplataforma. Programas de conectividade, de conversão, artigos técnicos sobre como colocar um Mac numa rede PC (e vice-versa), entre outras dicas. Esse é para colocar na sua lista de favoritos para consulta.

Revendas Apple

www.apple.com.br/revendas_prof_lista.html

Quer saber onde tem uma revenda Apple Specialist perto de você? Este é o local ideal. Lista completa de assistências para levar o seu Mac quando acontecer um problema.

MacFixIt

http://macfixit.pair.com

O tira-dúvidas mais conhecido pela comunidade macmaníaca. Listas de discussão (em inglês) sobre quase todos os problemas que um dia alguém pode enfrentar à frente de um Mac. Escolha sua área e procure a solução. Se eles não tiverem nada, inscreva-se para começar uma nova lista.

AppleLine

www.apple.com.br/appleline.html

Dúvidas? Questões filosóficas? Entre em contato com o pessoal do AppleLine para resolver seus problemas. Também é oficial.

Macintouch Security Resources

www.macintouch.com/security.html

Um site dedicado única e exclusivamente a partilhar informações sobre segurança e privacidade. De vírus a spam, tem de tudo. Aqui também é possível encontrar dicas de clientes VPN.

Muitas vezes você vai precisar acessar impressoras ou servidores através de domínios em vez dos números IP, e vai ser o arquivo Hosts que dirá ao Mac quais são os IPs dessa tralha toda.
Você pode enfrentar problemas até para acessar outro Mac na sua rede. A primeira coisa a fazer é checar a configuração correta do **AppleTalk** *(veja o box "Uma rede simples")*. Há a possibilidade de o roteador ou o *firewall* da sua empresa não trabalhar com o protocolo AppleTalk. Para resolver isso, acesse o outro Mac usando o TCP/IP, através do próprio Chooser (para isso você precisa ter o Mac OS 9 ou posterior em ambos os Macs). Para configurar ou verificar o número IP do seu Mac, use o painel de controle TCP/IP. Para compartilhar arquivos de Mac a Mac, ligue no painel File Sharing a opção "Enable File Sharing clients to connect over TCP/IP".
Mais comum do que acessar outros computadores será acessar diretórios ou servidores. Existem vários programas para conexão entre Macs e PCs *(veja a matéria que começa na próxima página)*. O MacOS X 10.1 conversa com servidores Windows NT e 2000 sem precisar de softwares adicionais nem de suporte ao AppleTalk.
Finalmente, se sua empresa tem uma VPN *(Virtual Private Network)* e você quer acessá-la da sua casa, pode recorrer a um programa cliente de VPN. Apesar de mais difícil, é possível encontrar soluções: comece pelo site do fabricante do software que sua empresa usa.

Impressoras

Dificilmente você vai encontrar uma impressora na rede pelo Chooser, goste disso ou não. O protocolo AppleTalk está morrendo até dentro da própria Apple, que o está substituindo paulatinamente pelo TCP/IP.
Para acessar as impressoras via TCP/IP, utilize o programa **Desktop Printer Utility** *(veja o box "Impressora na mesa")*. Isso resolve grande parte dos casos, mas algumas impressoras da HP precisam de um servidor à parte para conectá-las à rede. Esse servidor, chamado **Jetdirect,** parece um pequeno hub, tem várias versões e metade delas funciona com Mac – é só baixar o software no site da HP, instalar e sair imprimindo. Você pode achar informações sobre quais modelos funcionam e quais não funcionam no próprio site da HP (www.hp.com/cposupport/printers/support_doc/bpm06401.html).

Fique ligado

Virtual Private Network (VPN) *– Em termos simples, uma rede fechada (como a de uma empresa) que usa a infra-estrutura de uma rede não-privada (como a Internet). Usa-se, por exemplo, para ligar as filiais de uma empresa via Web. É o mesmo caso quando o funcionário acessa de casa os dados da empresa via Internet. O principal problema de uma VPN é a segurança; é contornado com o uso de criptografia. Normalmente, uma VPN é instalada usando recursos do* firewall *da empresa; portanto, o aplicativo cliente (que fica no computador do usuário) é fabricado pelo mesmo desenvolvedor do programa de* firewall.

Ufa!

Depois de tudo isso, talvez você esteja se questionando se vale a pena... Sem contar aquela parte de convencer a chefia a liberar a grana para comprar o Mac, que é chata pra caramba e a gente pulou de propósito.
Ora, nem pense em desistir, caro macmaníaco. A luta pelo direito de "pensar diferente" dentro da sua empresa será bem recompensada, seja pela qualidade do computador ou, simplesmente, pelo prazer de ter um Mac ali, sobre sua mesa.

Ricardo Cavallini

Hosts, o seu amigo

Todo computador na Internet ou em uma rede TCP/IP tem um número identificador, o famoso *IP address* ou, em termos mais formais, *Internet Protocol Address*. Muitos computadores também têm nomes associados a esses números. Quando você digita www.macmania.com.br num browser, seu computador acessa a rede e pergunta para um servidor de DNS *(Domain Name System)* qual é o número correspondente ao servidor cujo nome de domínio é www.macmania.com.br, para em seguida partir à sua procura.
Às vezes, é necessário configurar impressoras e servidores através de seus nomes, os quais não serão achados pelo servidor de DNS que o seu Mac usa. Um exemplo é o Outlook 2001, que se nega a funcionar com o número IP do servidor e precisa ser configurado com o seu nome. O arquivo **Hosts** é quem vai cumprir o papel de traduzir os nomes para números.
Normalmente, você já deve ter um arquivo Hosts dentro da pasta Preferences (Preferências) que fica dentro do System Folder (Pasta do Sistema). Você pode editá-lo usando o SimpleText, pois é um arquivo de texto simples. O Hosts tem uma sintaxe própria. Você pode se referir a tipos diferentes – aqui vamos falar de dois deles:

A *(Address)* – Nome para endereço.
NomeDoServidor.com A NúmeroDoServidor
Exemplo:
epson2000.com A 192.168.0.123

CNAME *(Canonical Name)* – Lista os aliases. Pode ser útil, pois muitas vezes o Macintosh teima em não reconhecer um nome que não tenha uma extensão .com no seu final.
NomeDoServidor CNAME NomeDoServidor.com
NomeDoServidor.com A NumeroDoServidor
Exemplo:
epson2000 CNAME epson2000.com
epson2000.com A 192.168.0.123

Observação: para separar os itens você pode usar espaços, mas prefira usar a tecla Tab.

Para ter certeza de que o seu sistema está usando esse arquivo, abra o painel de controle TCP/IP e escolha no menu Edit ▸ User Mode ▸ Advanced para fazer aparecer o botão Select Hosts File. Clique no botão e escolha o arquivo de texto que você editou. Pronto; feche o TCP/IP, salvando a nova configuração. Não precisa reiniciar o Mac.

Falando a outra língua

Programas que põem Macs e PCs para conversar

Hoje em dia, a conectividade entre Macs e PCs evoluiu muito. E está ficando ainda melhor com o Mac OS X 10.1. Mas isso ainda não resolveu o maior problema de todos: as plataformas não se comunicam entre si sem a ajuda de um programa específico.

A quantidade de softwares com essa função tem aumentado, transformando uma tarefa que antes era trabalhosa num simples clicar de mouse. Existem programas que são configurados do lado Mac, outros nos PCs, e tem até um software que vem junto com o sistema que permite trocar arquivos entre as plataformas. Veja qual deles se encaixa melhor no seu perfil e fique à vontade.

Fique ligado

__SMB (Server Message Block)__ – Protocolo de comunicação padrão nos Windows 95, 98, NT e 2000. O Mac OS "clássico" necessita de um programa intermediário para comunicar-se com os PCs por esse protocolo. O Mac OS X 10.1 não precisa, pois tem suporte nativo a SMB.

DAVE

Um dos clássicos da conectividade multiplataforma. Atualmente na versão 2.5.2, o veterano utilitário da Thursby tem uma grande vantagem: utiliza como protocolo de troca de arquivos o TCP/IP, o mesmo da Internet.

A configuração é toda feita usando um assistente, mas é a pior parte do processo: são 25 passos que devem ser seguidos à risca, caso contrário é bem provável que você fique com um Mac isolado do mundo PC do mesmo jeito.

Depois de passada essa fase, o resto é bem simples. O DAVE é instalado apenas no Mac e é uma via de mão dupla, ou seja, os Macs enxergam os PCs e estes enxergam os Macs. Mas não é só isso: quem quiser utilizar o software para formar uma rede de Macs, substituindo definitivamente o AppleTalk, também pode. É até mais rápido do que usando o protocolo original da Apple. O programa cliente do DAVE é acessado diretamente no Chooser (Seletor), onde ele instala uma extensão chamada DAVE Client. Ou seja: mais Mac, impossível.

Com o DAVE instalado, não há como diferenciar um Mac de um PC quando estes são vistos pelo Ambiente de Rede (Network Neighborhood) do Windows. A recíproca também é verdadeira. Basta abrir o Chooser e montar os discos do Windows no desktop como se fossem de Macs. Mas cuidado: os nomes dos arquivos aparecerão truncados se tiverem mais de 30 caracteres (o limite máximo permitido no sistema clássico).

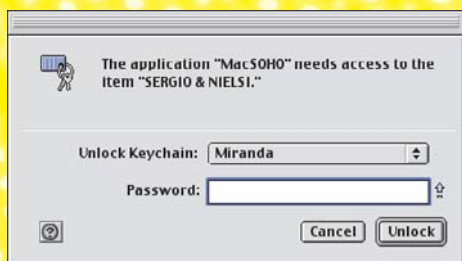
E para o Mac OS X? A Thursby lançou uma versão para o novo sistema, mas não é um produto final. Eles afirmam que não sabem se haverá algum dia um DAVE para OS X, afinal a versão 10.1 do sistema traz embutido um cliente SMB (Server Message Block), o protocolo nativo do Windows. A versão 3.0 para OS X só funciona na versão 10.0.4.

O DAVE é compatível com Macs antigos (até com processadores 68030!), o que permite arranjar uma utilidade para aquele Performa encostado em casa. Do lado Windows, ele funciona com qualquer versão do Windows de 95 até 2000.

Indicação: para grandes redes
Configuração: pelo Mac
Thursby: www.thursby.com
Woodlands: woodlands@woodlands.com.br
Preço: US$ 149
Pró: Protocolo TCP/IP, PCs vêem Macs e vice-versa
Contra: Muitos passos para configurar

MacSOHO

A Thursby é realmente especializada em conectar Macs e PCs. Não satisfeita em ter o DAVE, ela resolveu criar um outro programa, direcionado a pequenas redes ou até mesmo apenas um Mac ligado a um PC. O MacSOHO (a sigla vem da expressão *Small Office/Home Office),* assim como seu "irmão" DAVE, é instalado apenas no Mac e não exige qualquer outro programa no Windows, apenas alguns passos de configuração (simples, nada muito complicado).

Antes de começar a instalação, basta inserir o CD do software no PC e fazer uma verificação se o Windows está configurado. Se tudo estiver certo,

volte pro Mac e termine o processo (ele também tem vários passos, mas é tudo quase automático). Diferentemente do DoubleTalk *(veja abaixo),* o MacSOHO encontra os nomes e configurações de grupos de rede do Windows sem a necessidade de ficar tentando arrancar essas informações do seu administrador de rede.

O protocolo usado pelo aplicativo não é o TCP/IP nem o AppleTalk, mas um nativo do Windows (a Thursby não informa qual, mas supomos que seja o SMB), permitindo que o PC enxergue normalmente o Mac na rede. Diferentemente do DAVE, o programa tem um navegador próprio (não utiliza o Chooser) para encontrar os PCs na rede. Ele funciona como uma janela do Finder; portanto, copiar e transferir arquivos é daquele jeitão a que estamos acostumados. O MacSOHO Browser também vê qualquer outro Mac na rede, sem a necessidade do AppleTalk.

O MacSOHO é compatível com o Mac OS 8.6 a 9.x. No lado PC, todas as versões atuais do Windows funcionam. Quanto a impressoras, não se iluda: apesar de o software ser destinado a pequenas redes, não há como enxergar impressoras jato de tinta; somente PostScript.

Agora, a melhor vantagem do programa: o preço. Até o final do ano ele estará sendo vendido a US$ 49, uma promoção especial. Um programa para pequenos por um preço justo.

Indicação: para pequenas redes
Configuração: pelo Mac
Thursby: www.thursby.com
Woodlands: woodlands@woodlands.com.br
Preço: US$ 49
Pró: Facílimo de instalar; PCs vêem Macs e vice-versa
Contra: Não permite compartilhar o HD inteiro, só pastas

DoubleTalk

O programa da Connectix (a mesma do Virtual PC) também é instalado do lado Mac. O fabricante gaba-se de dizer que tudo é simples e intuitivo, mas não é bem assim.

Em primeiro lugar, é preciso (de verdade!) ler o manual antes de instalar o programa. É necessária uma série de preparações antes de sair dando cliques em botões de "OK" (ter em mãos o nome do grupo de trabalho da rede Windows, configurar o protocolo TCP/IP no caso de estar conectando o Mac diretamente a um único PC). De posse de todos os dados, é hora de seguir os passos indicados pelo Assistente de Instalação do aplicativo, escolhendo entre as opções SOHO (pequenos escritórios ou usuários domésticos) ou corporativo (grandes redes). Depois de instalado, no Chooser (Seletor) é incluída uma nova zona de rede (DoubleTalk), onde é possível conectar-se com os PCs e trocar arquivos normalmente, como se fosse uma rede Mac.

Ver os PCs na rede é fácil: é como se todos fossem Macs. Mas e se o seu vizinho Wintel quiser jogar um documento no seu Mac? Pode? Não, porque você não aparece na rede: o DoubleTalk é uma via de mão única. Há quem ache isso uma vantagem. Mas, por prometer conectividade total com computadores Wintel, o DoubleTalk falha em oferecer o outro lado da moeda.

Nem tudo são problemas. O DoubleTalk incorpo-

rou algumas das tecnologias do Mac OS 9, como múltiplos usuários (Multiple Users) e Keychain (Chaveiro). Esta última função é uma mão na roda, principalmente quando se está ligado a uma grande rede com vários PCs e domínios, cada um com uma senha diferente.

O DoubleTalk utiliza o protocolo de rede AppleTalk, nativo dos Macs. Porém, esse padrão não existe nas versões domésticas do sistema operacional Windows (95, 98 ou Me). Assim, é preciso uma série

Indicação: para grandes redes
Configuração: pelo Mac
Connectix: www.connectix.com
Passport: www.passportnet.com.br
Preço: R$ 448,80
Pró: Conecta Macs e PCs em rede; permite imprimir em impressoras PostScript
Contra: Ruim para ligar um Mac e um PC; não deixa os PCs enxergarem o Mac

Compatibilizando arquivos

Aplicativos

Aquele problema de trocar arquivos entre Macs e PCs não existe mais há tempos. Na era da Internet e da conectividade, arquivos gerados pela grande maioria dos programs comerciais (Photoshop, Word, Flash, só para citar alguns) são completamente compatíveis entre plataformas. Alguns aplicativos até colocam automaticamente a extensão no arquivo para você dar o nome que quiser sem ter que se preocupar com quais são aquelas três letrinhas na rabeira *(mas, se tiver curiosidade, consulte abaixo a nossa tabela de equivalências).*

Mas ainda temos algumas dicas que podem ser bem aproveitadas por vocês leitores:

Compactação

No mundo PC, a chave é o **Zip,** o formato de compactação dominante no Windows. No Mac, esse domínio é exercido pelo **StuffIt** da Aladdin (www.aladdinsys.com) e sua extensão .sit. Para abrir os arquivos “zipados” no Mac, basta ter o **StuffIt Expander** (que é de graça) ou o shareware **ZipIt** (indicado por também compactar para Zip). A taxa de registro do ZipIt é de US$ 20. No lado PC, arquivos Sit podem ser abertos com a versão Windows do StuffIt Expander (que também é de graça). O melhor para os Zips no PC é o **WinZip** (www.winzip.com).

Extensões

No Windows, extensão é o conjunto de três letras depois do ponto no nome do arquivo, que define o seu tipo de conteúdo, implicitamente, o programa associado a ele. No Mac OS essa função é cumprida por dois atributos invisíveis: *Type* (indica o tipo do documento) e *Creator* (especifica o aplicativo que o originou). Em arquivos do Mac OS clássico, essas informações não podem ser modificadas alterando o nome. É preciso usar um programa como o **FileTyper** (www.ugcs.caltech.edu/~dazuma/filetyper). Ele é ideal para quem tem aquele monte de MP3 baixados com ícones de vários tipos e quer transformar todos para o iTunes.

Mensagens perfeitas

Para mandar uma mensagem pelo correio eletrônico para seu colega pecezista, é preciso seguir algumas regras básicas da etiqueta de conectividade Mac-PC:

1 Não esqueça de verificar se os nomes dos arquivos estão com as extensões corretas e compatíveis.

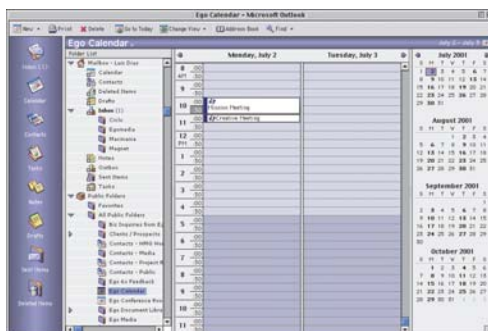
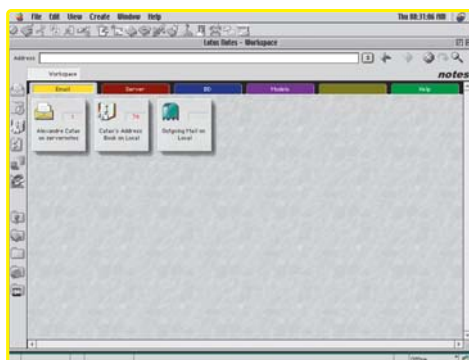
2 Cheque como o seu anexo será enviado. No Outlook Express, abra o menu Edit ▸ Preferences, aba Compose, e depois em “Click here for attachment option”. Escolha *MIME/Base 64.* Pronto!

▶de malabarismos (explicados bem no finzinho do manual, no último apêndice, perto do índice), tanto no Mac como no PC. É preciso colocar endereços IP, mudar a zona de AppleTalk e fazer outras gambiarras.

A própria Connectix, na descrição do produto, reforça o uso do programa para conexões em redes maiores do que o básico computador-a-computador *(peer-to-peer)*. O objetivo do DoubleTalk parece ser apenas não deixar o Mac de fora de uma empresa cheia de PCs. O usuário caseiro pode experimentar o DoubleTalk, mas não é uma tarefa das mais fáceis. Quem sabe numa versão 2.0 a coisa mude.

Groupware

Toda grande empresa que se preze utiliza um software integrado para trabalho em grupo *(groupware),* através do qual os funcionários conseguem acessar seus bancos de dados e compartilhar informações, além de ter embutidas funções triviais como email, calendário, agenda de tarefas e contatos, tudo reunido em uma ferramenta única.

Os principais programas de groupware são o **Lotus Notes,** da IBM, e o **Outlook Exchange,** da Microsoft *(cujo cliente de Mac foi analisado na Macmania 87).* Atualmente na versão 5.07, o cliente de Mac do Notes *(acima)* funciona bem, mas tem problemas característicos de programas mal portados do PC para o Mac. O redesenho de tela é lento quando ele acessa bancos de dados, e pode apresentar erros ou problemas de falta de memória. Nesse aspecto, o Outlook *(ao lado)* está bem à frente, funcionando como um legítimo programa de Mac.

Alexandre Catão

Equivalências de arquivos Mac/Windows

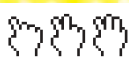
Documentos	Type no Mac	Extensão no PC
Áudio AIFF	AIFF	.AIF
Áudio WAVE (PC)	WAVE	.WAV
Áudio ou vídeo MPEG	MPEG	.MPG
Filme QuickTime	MooV	.MOV
Imagem GIF	GIFF	.GIF
Imagem JPEG	JPEG	.JPG
Imagem TIFF	TIFF	.TIF
Imagem PICT (Mac)	PICT	.PIC
Imagem BMP (PC)	BMP	.BMP
Página da Web	HTML	.HTM
Trilha MIDI	MIDI	.MID

Aplicativos	Creator/Type no Mac	Extensão no PC
Adobe Photoshop 6	8BIM/8BPS	.PSD
Adobe Illustrator 9	ART5/PDF	.EPS
Adobe Premiere	PrMr/PROJ	.PPJ
Adobe Acrobat	CARO/PDF	.PDF
FileMaker Pro	FMP5/FMP5	.FMP
FreeHand 9	FH90/AGD4	.FH9
Microsoft Word	MSWD/W8BN	.DOC
Microsoft Excel	XCEL/XLS8	.XLS
Microsoft PowerPoint	PPT3/SLD8	.PPT
QuarkXPress 4	XPR3/XDOC	.QXD
QuickTime Player	TVOD/MooV	.MOV
SimpleText	ttxt/TEXT	.TXT

Web Sharing (Mac OS) e Personal Web Server (Windows)

Sua verba acabou e ainda falta conectar os Macs e PCs para trocarem arquivos. O que fazer? Recorrer à Apple e à Microsoft, é claro. Elas disponibilizam um método barato (grátis!) para essa tarefa.

O **Web Sharing** (da Apple) e o **Personal Web Server** (da Microsoft) são programas similares para transformar o computador num servidor de Web. Mas o que isso tem a ver com conectar Macs e PCs? É que, ao transformar o seu Mac ou PC num servidor, basta acessar as máquinas utilizando o seu browser de Web (também de graça). É claro que não é parecido com um programa comercial, mas quebra um bom galho *(veja os detalhes na edição 73).* Com o número IP de cada máquina, basta digitar o endereço no navegador para acessar a pasta compartilhada (ou o HD inteiro, se você quiser) e ver os arquivos em uma lista, como se fosse um diretório de FTP. Para gravar no disco, é só fazer o download normalmente, como se eles estivessem na Internet.

Se você quiser, pode criar uma página HTML bonitinha para servir de home page. Mas aí já estamos no terreno das firulas.

Indicação: para quem não quer gastar grana
Configuração: pelo Mac (WebSharing) e pelo PC (Personal Web Server)
Preço: De graça
Pró: De graça, vêm com o sistema.
Contra: Limitados a transferência de arquivos

PC MACLAN

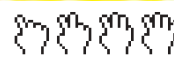
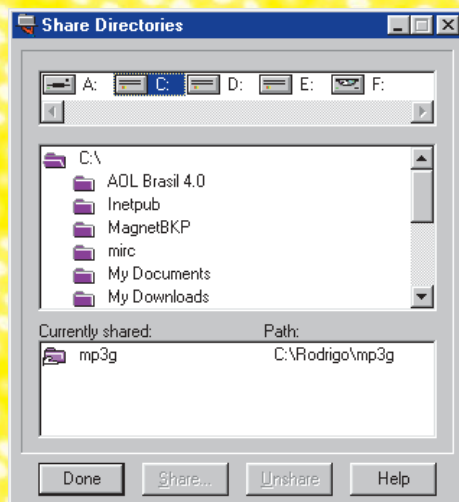
Quem tem experiência com PCs pode preferir manter o controle da conexão no Windows. Para esses, o ideal é o PC MACLAN, da Miramar. Atualmente na versão 7.2.1, é fácil de instalar (para quem está acostumado com PCs, é claro) e não dá muito trabalho *(veja matéria na edição 73).*

Uma das vantagens do software é que ele cria uma rede AppleTalk no Windows, permitindo ao Mac enxergar o PC usando simplesmente o Chooser. O gerenciador de redes é simples de configurar e a conexão é bem estável.

Uma das desvantagens é que, por rodar no PC, há uma versão do programa para para Windows NT/2000, outra para Windows 95/98, outra para Windows Me... Acaba sendo uma confusão quando a rede (maioria Wintel, não se esqueça) faz uma atualização do sistema operacional.

Mas há vantagens interessantes, como a possibilidade de enxergar no Mac um CD Zip, Jaz ou outro volume removível do PC. Evita comprar periféricos para o Mac (olha a economia aí). Além disso, ele pode ser utilizado numa grande rede de PCs com apenas um Mac ou só para ligar dois computadores diretamente.

Imprimir? Tudo bem se você tiver uma impressora PostScript na rede. Senão, nem adianta tentar.

Uma outra vantagem do PC MACLAN é que a versão comercial (na caixa) vem com um programa chamado MacOpener, que permite aos PCs com Windows abrirem discos formatados em Mac (HFS, HFS+). Assim, pode-se colocar no PC um disquete com aquele velho joguinho de Mac e copiá-lo para o seu iMac ou G4 (que, como todos nós sabemos, não tem drive de disquete).

Indicação: para qualquer tipo de rede
Configuração: pelo PC
Miramar: www.miramar.com
Distribuidor: www.invenci.com
Preço: sugerido até o final de outubro: U$T 170 (1 licença); U$T 570 (5 licenças)
Pró: Fácil de instalar (para quem usa PC), estável, pode acessar Zips e CDs, vem com programa para ler discos de Mac
Contra: Uma versão para cada Windows

Sérgio Miranda

FinePix 4800

Pequena e versátil

Câmeras digitais amadoras padecem de um grave problema. No afã de querer atrair um público que não quer (nem precisa) entender conceitos como abertura de diafragma, velocidade ou exposição, acabam simplificando demais sua interface, o que pode limitar as possibilidades de se fazer uma boa foto. Nem sempre um botão de "mais claro/mais escuro" é o suficiente.

Nesse ponto, a FinePix 4800 se sobressai, trazendo níveis gradativos de uso que satisfazem igualmente o pokaprática total, o amador esforçado (onde eu me encaixo) e o fotógrafo profissional. Você pode escolher entre deixar a máquina no automático, colocar no modo SP (com opções tipo Paisagem, Noite, Retrato e Preto e Branco), pôr no manual e ajustar o branco e a sensibilidade (ISO 125, 200 e 400), ou ainda entrar nas "páginas" extras do menu e ter acesso a uma quantidade razoável de ajustes de foco, nitidez, intensidade do flash, exposição e fotometria.

Abundam funções na FinePix. As fotos podem ser gravadas em três resoluções (2400x1800, 1600x1200 e 1280x960), cada uma com graus variados de compressão JPEG. Ela grava filminhos também, e não faz feio. Os filmes (AVI em 640x480) podem durar até 80 segundos e você pode ajustar zoom e a exposição, mas não o foco nem o ajuste de branco. Também dá para usar a câmera como gravador de áudio, criando arquivos com cerca de 2 minutos por megabyte.

Outro recurso bacana é o Continuous Shooting, onde você tira três fotos em sequência com intervalos de 0,2 segundos e depois escolhe a mais bacana das três. Ou então, tira três fotos com exposições diferentes *(auto bracketing)*. Ou utiliza o efeito (de gosto discutível) de fazer fotos com múltiplas exposições. Você também pode rotacionar, ampliar e "cropar" suas imagens dentro da câmera.

Outro grande diferencial da FinePix é o seu berço *(cradle)* que conecta a câmera ao Mac ao mesmo tempo em que carrega a bateria. Basta por a câmera no berço e apertar um botão para ver suas fotos aparecer na tela do Mac em alguns segundos. Extremamente prático, pelo menos até você comprar uma segunda bateria. Nesse caso, é melhor comprar um recarregador junto.

O design da FinePix *("by F. A. Porsche")* é elegante e ergonômico. O *case* e os botões são de metal. A interface foi concentrada em um grande botão luminoso que reúne as funções que precisam ser acionadas rapidamente, como macro, zoom e tipo de flash. O menu no visor de LCD apresenta os ajustes mais gerais.

O FinePix Viewer, browser de imagens que vem com a câmera, é bem feito e eficiente, coisa que não se pode dizer do programa de edição de vídeo, o VideoImpression, bem bugado. Converta seus filmes pra DV e use o iMovie. Se você estiver com pressa, nem precisa usar o Viewer. O cartão SmartMedia monta no desktop como um volume; daí é só arrastar suas fotos para o HD. Em caso de emergência, dá até para usar a câmera para transportar arquivos.

A FinePix seria a câmera dos sonhos de qualquer um, se ela não deixasse um pouco a desejar no quesito principal: a qualidade de imagem. Apesar de ser anunciada como câmera de quatro megapixels, na verdade ela tem um CCD (o "scanner" dentro da câmera) de 2,4 milhões de pixels. O CCD da Fuji usa uma tecnologia totalmente diferente das outras câmeras digitais. Em vez de os sensores serem arranjados na usual matriz quadrada, cada sensor equivalente a um pixel da imagem final, eles são dispostos em um arranjo de colméia de abelha, mais denso. Como resultado, todas as

Ficha técnica

Resoluções:
Foto - 2400x1800, 1600x1200, 1280x960
Vídeo - 640x480
Funções: Grava imagens *still*, vídeo e áudio
Portas: USB, saída áudio/vídeo, plug para o berço
Dimensões: 80 mm x 97,5 mm x 36,3 mm
Peso: 258 g
Armazenamento: Cartão SmartMedia
Software incluído: FinePix Viewer, VideoImpression, Adobe PhotoDeluxe
Bateria: NP-80 recarregável
Extras: Modo de foto contínuo, múltiplas exposições, *crop* das imagens na câmera

imagens são obtidas por interpolação; não existe resolução de imagem "pura". As vantagens são uma diminuição no ruído de cor, grande praga das máquinas digitais, e menos artefatos de nitidez. De qualquer forma, o resultado fica aquém do obtido em câmeras de 3 megapixels.

FUJIFILM FINEPIX 4800

FujiFilm: www.fujifilm.com.br
11-5091-4000

Preço: R$ 3.500

Pró: Anatômica; extremamente flexível; excelente acabamento

Contra: Cara; 2,4 megapixels interpolados não dão uma imagem muito melhor que a das câmeras de 2 megapixels

A FinePix apresenta maior aberração cromática (halos coloridos nos cantos das imagens) que a concorrência (Canon e Nikon), mas isso tem a ver com os elementos ópticos e não com a tecnologia digital.

É possível utilizá-la muito bem na produção gráfica (as fotos do G4 Quicksilver na nossa edição passada foram feitas com ela). Como câmera "de viagem", então, ela dá e sobra.

Somando prós e contras, a FinePix 4800 é uma boa pedida para quem está atrás de uma câmera versátil, prática e muito bonita. Não é sempre que você pode sair dizendo "minha outra câmera é uma Porsche". M

Foto tirada a 1600 x 1200 pixels exibe grande nitidez, sem os ruídos e manchas comuns em fotos digitais

Canon MultiPASS

Faz de tudo um pouco e quebra um galhão no escritório

Até há pouco tempo, os escritórios eram redutos quase exclusivos de PCs e seus periféricos de porta paralela. Com a chegada do padrão USB, adotado pela Apple desde o princípio, o Mac passou a ser visto não apenas como um modo de embelezar o ambiente, mas também como uma ferramenta de trabalho bem produtiva. Assim, impressoras, scanners e também os multifuncionais (aparelhos com mais de uma função – geralmente fax, impressora, copiadora e scanner) passaram a ser mais compatíveis com Macintosh. É o caso do MultiPASS C555 da Canon, que acaba de chegar ao Brasil.

Tudo à mão

O MultiPASS C555 não se diferencia visualmente da grande maioria dos multifuncionais, tirando a tampinha transparente que protege as teclas e sua interface USB, que o torna compatível com o Mac. Tecnicamente, ele é:

- **Impressora jato de tinta:** velocidade de cinco ppm (páginas por minuto) em modo monocromático e duas ppm em modo colorido, com resolução de 720x360 dpi.
- **Scanner:** resolução de 300 dpi (ou 600 dpi em modo interpolado), milhões de cores.
- **Copiadora:** colorida e preto-branco, com resolução máxima de 360x360 dpi.
- **Fax:** velocidade de transmissão de seis páginas por minuto a 14,44 kbps.

O CD de instalação vem com o driver para usar o aparelho como impressora e também um programa muito útil, chamado MultiPASS Toolbar, que dá fácil acesso aos programas de scanner e configuração do fax, além do QuickTime para abrir as imagens escaneadas.

O MultiPASS é fácil de usar. Colocar as folhas de papel, usar como copiadora ou passar fax é tranquilo, mas esta última função não pode ser feita via software: tem-se que usar o método tradicional de apertar botões. Todavia, a configuração do fax (cabeçalho, número do telefone etc.) é feita num programinha bem simples, que dá conta do recado.

Usar como impressora, então, é ridículo: configure no Chooser (Seletor) e pronto. Tá na mão. A impressão a cores é bonitinha, mas ao tentar imprimir uma página colorida da Internet no modo monocromático (para economizar tinta), a resolução deixou muito a desejar.

Mas, se nas três funções anteriores não há muito o que comentar, quando chegamos ao scanner, o MultiPASS tem algumas supresas interessantes. As boas: é possível digitalizar diretamente para o QuickTime ou SimpleText (no caso de textos utilizando OCR), ou então usar um programa chamado Scantastic, que ajuda o macmaníaco leigo no assunto a digitalizar sem muitos traumas. O software orienta passo a passo o que deve ser feito, com uma interface bacaninha e simples. Dá para fazer vários ajustes na imagem; nada comparável a um Photoshop, mas dá pro gasto. Além disso, deixa escolher a resolução em que será feito o scan, oferecendo desde "Para Web" (baixa resolução) até "Profissional para Impressão" (alta). Muito interessante e prático.

Mas nem tudo são flores: ao tentar escanear uma foto comum em papel (tamanho 10x15), a imagem resultante ficou... como podemos dizer... *pela metade!* O scanner só conseguiu fazer o serviço direito depois que a foto foi "colada" numa folha de papel. Tsc, tsc...

Embora em nenhuma das funções não seja tão perfeito quanto um aparelho especializado, no conjunto o MultiPASS cumpre bem o seu papel e é uma opção bacana para um escritório bonitão, cheio de Macs. **M**

SÉRGIO MIRANDA

Scan de página de revista

Não remove moiré

Impressão em qualidade alta

Original — Impressão

> **CANON MULTIPASS C555**
>
> **Canon:** www.canon.com.br
>
> **Preço:** R$ 850
>
> **Pró:** Programa para escanear imagens; fácil de usar; configuração do fax via software
>
> **Contra:** Para escanear uma foto é preciso afixá-la a um em papel, senão a imagem não sai inteira

Peerless

Sucessor do Jaz é o mais novo pulo do gato da Iomega

Nem só de CD-R vive o homem. CDs são uma boa mídia para becape, mas na hora de expandir sua área de trabalho para evitar as mensagens de "disk is full", nada melhor que um rápido HD externo. A Iomega resolveu unir o útil ao mais útil ainda e fazer um HD externo removível: o Peerless.

A idéia não é nova, o Jaz, da mesma Iomega, já era um aparelho que lia discos removíveis em forma de cartuchos. Mas o Peerless vai mais além. O aparelho é totalmente modular, composto por três partes: uma interface, a base e o disco propriamente dito. O resultado é algo que lembra um berço de Palm meio grandão. O design é discreto e moderno, com um toque clubber: uma bola azul luminosa que pulsa quando você está copiando algo do Peerless ou para ele. No começo é curioso, mas logo você estará virando seu Peerless de costas para não ser ofuscado.

As vantagens desse sistema são óbvias. Se amanhã a Apple lançar um Mac com portas FireWire 2 ou USB 4.0, basta adquirir uma interface nova para atualizar seu Peerless. A Iomega pode também ir lançando drives Peerless de capacidades cada vez maiores, seguindo o avanço da tecnologia. Isso aliás, já está acontecendo: o Peerless foi lançado com drives de 10 GB, mas a empresa está trazendo para o Brasil apenas os de 20 GB, que têm um custo/benefício melhor.

Atualmente o Peerless vem em dois sabores: USB e FireWire. A versão FireWire, obviamente, é a mais recomendada. A USB perde pontos por essa porta ser muito lenta para transferência de arquivos. Para encher os 20 GB de um disco do Peerless via USB você demoraria umas 8 horas. Em nossos testes, a transferência de arquivos pelo USB também resultou em vários erros de leitura, coisa que não aconteceu com o FireWire. Além disso, o Peerless FireWire não precisa de fonte de força, tirando energia pela própria porta. Mas, se seu Mac não tem FireWire, o jeito é ir de USB e deixar para comprar uma base FireWire quando você for renovar a frota.

Em termos de velocidade, o Peerless FireWire não fica nada a dever a qualquer disco externo. O aparelho tem o requinte de trazer um LED frontal que diz a taxa exata de transferência quando ele está em operação e um gráfico de pizza mostrando quanto do disco está sendo oupado.

Em relação à discos FireWire ou USB externos, o Peerless até que tem um preço atrativo, um pouco mais caro quando você compra o conjunto completo, mas compensado rapidamente com o primeiro disco extra. Ele seria a solução para quem tem um Mac em casa e outro no trabalho (ou um PC, pois ele é multiplataforma). Bastaria comprar duas bases e transportar seus disquinhos (bem menores que qualquer HD externo) para lá e para cá. Infelizmente, a Iomega não vende o conjunto base-interface no Brasil, apenas o aparelho completo, com um disco. Ou seja, utilizar o Peerless para transporte de dados entre dois lugares acaba saindo uma solução bem mais cara que um disquinho externo. Se bem que não é nenhum problema carregar o trambolho todo, que é do tamanho de um Zip Drive. Só não vai caber no bolso.

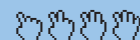
Outra desvantagem é que discos FireWire tem o péssimo costume de queimarem suas portas depois de um certo tempo, só podendo ser aproveitados como discos IDE internos. A interface do Peerless aparenta ser um módulo bastante resistente e, como você não precisa ficar plugando e desplugando esse módulo do Mac, ela deve ser menos propensa a apresentar esse tipo de problema. Os discos do Peerless parecem também ser resistentes.

A Iomega afirma que eles aguentam quedas de até um metro, mas não tivemos coragem de fazer esse teste.

A "plugandplayabildade" é total. Não foi preciso nem instalar o software que vem com o aparelho. Bastou plugá-lo no Mac e sair usando. Claro que é fundamental instalar os drivers e reformatar o disco para Mac (ele vem formatado para PC) usando o software da Iomega. Além de fazer seu disco aparecer no Desktop com um ícone bonitinho, isso evita que o aparelho apresente erros de cópia. Mas é bom saber que é possível levar o Peerless para outra máquina e trabalhar sem ter que se preocupar com carregar CDs ou baixar drivers da Internet.

Os planos da Iomega para o Peerless são ambiciosos, prevendo até sua utilizacão em carros e TVs digitais. Se eles vão se concretizar ou não, só a história dirá. Para o macmaníaco de hoje, o que importa é que existe uma boa e versátil opção de armazenamento. M

HEINAR MARACY

IOMEGA PEERLEES

Iomega: www.iomega.com.br
Preço: R$ 1.599 (USB ou FireWire, com um HD de 20 GB)
R$ 700 (disco)

Pró: Sistema modular à prova de obsolescência; discos relativamente baratos; totalmente Plug & Play

Contra: Interface USB é lenta e propensa a erros; não tem como desligar a bola azul estroboscópica

Era de Aqu

Agora é pra valer. O Mac OS X 10.1 chegou. Foi bom enquanto durou, mas está na hora de deixar o sistema clássico para trás e voltar a viver no futuro da computação

Desde seu lançamento, no final de março, o Mac OS X tem sido mais uma amostra do que o futuro reserva para os macmaníacos do que um sistema operacional para usar no dia-a-dia. Os quatro primeiros updates não trouxeram grandes mudanças, apenas correções de bugs e alterações nos bastidores. O OS X 10.0.4 foi o mais esperado, já que permitia "queimar" CDs de áudio com o iTunes. Se não era perfeito, pelo menos já indicava uma direção clara a tomar.

No entanto, muitos aspectos exigiam mais atenção, especialmente os recursos úteis do OS 9 que ficaram de fora. Utilitários de terceiros até conseguiam tapar alguns buracos, mas ainda assim sentíamos que o Mac OS X ainda não era bem "aquilo".

Com o recente lançamento da versão 10.1, a situação mudou muito. Se não ainda é "aquilo", está claro que pelo menos está bem próximo de ser, oferecendo um ambiente mais sólido e intuitivo. De modo geral, as principais falhas das versões anteriores foram corrigidas, mas ainda restam várias pendências. O OS X é um trabalho em andamento, e está claro que as arestas serão aparadas para tornar o sistema ainda melhor do que já é. Apesar de não ser uma obra completa (e algum sistema operacional o é?), os benefícios da nova versão são convincentes o suficiente para não querermos largá-lo nunca mais.

A combinação de preview no Finder com colunas ajustáveis torna ridiculamente fácil lidar com, por exemplo, movies QuickTime

Onde? Onde?

Se você é um macmaníaco de corpo e alma, deve estar louco para saborear o Mac OS X 10.1 (se é que já não o tem instalado). Mas pode estar se perguntando: Como consegui-lo?

A versão 10.1 é um update gratuito para quem comprou o Mac OS X original ou tem um Mac que veio com ele pré-instalado. Porém, como é grande (550 MB), o atualizador para o 10.1 só está disponível em CD. Nos EUA, a Apple cobra US$ 20 mais o frete, além das taxas locais, para fornecer o produto.

Já no Brasil, a coisa vai ser duplamente melhor. Foi anunciada para o final de outubro a chegada do OS X 10.1 em inglês – um upgrade gratuito para quem comprou a versão nacional do sistema. Em novembro, o macmaníaco deverá receber um segundo upgrade, desta vez em português, também de graça. São dois pelo preço de um. Segundo Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple Brasil, essa estratégia foi feita para beneficiar o usuário de Mac brasileiro. "Quem quiser se beneficiar das novidades que o OS X 10.1 tem não vai precisar esperar até o final do ano para poder usufruir dele", garantiu Rodrigo. "Depois, com a segunda fase da atualização, o macmaníaco terá um sistema estável, bonito e localizado", disse.

Segunda pergunta, a mais importante, que deve estar passando na sua cabeça neste momento: Vale mesmo a pena utilizá-lo? Antes de responder, vamos ver o que há de novo no OS X 10.1.

Menu contextual ainda fraquinho

Bem mais rápido

Vamos começar pelo desempenho, a principal reclamação de quem já vinha testando as versões anteriores em Macs sem processador G4 e com "pouca" memória RAM (menos de 128 MB). Instalar o OS X original num iMac de 233 MHz era algo risível. Com a nova versão, isso não apenas é algo completamente factível, como fizemos o 10.1 rolar decentemente com apenas 96 MB de RAM.

Esse é o novo controle do DVD

Os programas estão certamente abrindo mais rapidamente do que antes. Até mesmo os aplicativos do ambiente Classic (OS 9) comportam-se bem, sendo que em boa parte deles é difícil notar qualquer mudança significativa de performance ou perda de estabilidade em relação ao Mac OS 9. Isso por si só já é um grande avanço e argumento suficiente em prol do novo OS X. Abrir o ambiente clássico ainda é demorado e, ao que parece, o tempo de espera não mudou em relação às versões anteriores. Passada essa etapa, tudo corre suavemente, tirando as raras vezes em que o Classic fecha repentinamente, sem qualquer notificação *post mortem*, por culpa de algum programa caprichoso. É claro que o ideal é não ter que usar programas de OS 9, pois o Classic drena boa parte do processamento da máquina. À medida que mais e mais aplicativos "carbonizados" forem aparecendo para o Mac OS X, poderemos começar a dar adeus ao passado e viver felizes para sempre no mundo Aqua.

A melhora de desempenho não se restringe à hora de rodar um software. Muitas das ações corriqueiras, como mover janelas, navegar pelos menus, arrastar ícones e navegar pelo HD, estão respondendo mais prontamente. Isso é especialmente nítido quando redimensionamos uma janela. Antes, o redesenho das janelas em tempo real era deplorável até mesmo nos Macs mais rápidos; agora, está suave o bastante para não chamar mais a atenção.

A maioria dessas ações de interface do OS X são bem mais complexas tecnicamente do que no OS 9 e, por isso mesmo, nem sempre são tão ligeiras. Enquanto no sistema clássico você redimensiona uma janela vendo apenas o "fantasma" dela, no OS X isso não existe; a janela inteira é redesenhada em tempo real. Por isso, esse tipo de ação ainda não é tão ágil (usar milhares de cores em vez de milhões melhora um pouco a situação). Mas falta pouco para chegar lá.

A Apple também afirma que o OpenGL está 20% mais rápido no 10.1 e oferece suporte nativo para a placa de vídeo de topo de linha, a nVidia GeForce 3, melhorando sensivelmente o render 3D. Certamente, uma boa notícia para os gamemaníacos.

Em adição ao efeito de minimização Genie (aquele em que a pasta ou janela sai do Dock como se fosse um gênio saindo da lâmpada), a Apple introduziu o Scale, que não deforma a janela e é bem mais rápido.

What's up, Dock?

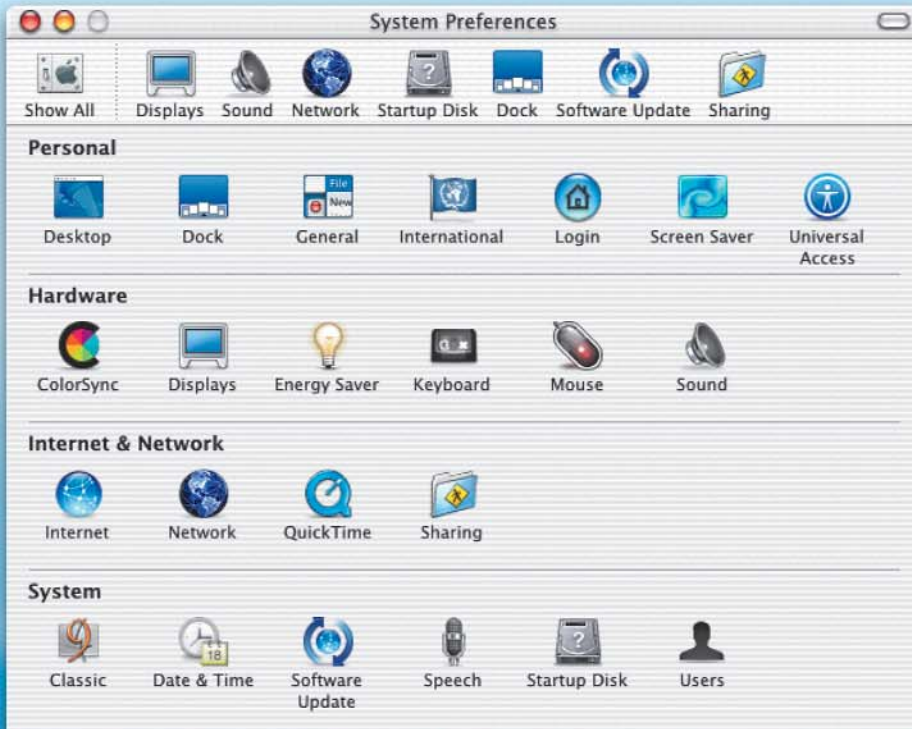
E por falar em Dock, ele traz uma boa novidade, que é a possibilidade de posicioná-lo nas laterais esquerda e direita da tela, além da beirada inferior. Isso faz bastante sentido, uma vez que o Dock embaixo pode atrapalhar o acesso aos botões de rolagem, particularmente dos programas clássicos. E, como o desktop tem mais espaço na horizontal do que na vertical, faz sentido colocar o Dock no lado esquerdo ou direito. Fora que ele não fica mais obstruindo os pés das janelas do Classic. Os programas que aparecem no Dock agora podem mostrar menus com opções relativas às suas funções, tornando-o ainda mais útil. Se um aplicativo está rodando em background e necessita de sua atenção, o ícone do Dock pulando lépido e fagueiro, desesperado para ser notado.

Algumas funções – como mudar resolução de monitor, status do modem, volume, nível de bateria e troca de rede AirPort –, que antes eram extras do Dock, agora residem na barra de menu, à esquerda do relógio, proporcionando economia de espaço no Dock.

Dock na lateral: o usuário pediu, a Apple fez

Novos menus no Dock: não é mais preciso ir ao iTunes para pular a música

Agradecemos a preferência

A janela de preferências (System Preferences) do Mac OS X 10.1 foi organizada por grupos: Personal, Hardware, Internet & Network e System. Isso certamente facilita a localização dos ícones. Aliás, surgiram novos painéis de preferência, incluindo Desktop, para definir a imagem de fundo de tela (antes essa função estava entre as preferências do Finder), e General, que configura uma porção de opções de interface. Muitos dos painéis restantes trazem pequenas mudanças, como um botão que liga o Screen Saver ao Energy Saver.

As preferências do sistema foram organizadas em grupos de itens relacionados, facilitando a vida

Agora queima!

Finalmente! É possível queimar CDs no Mac OS X 10.1 a partir do iTunes ou do Disc Burner. Dá até para adicionar um botão Burn à barra de ferramentas das janelas do Finder.
Também dá para ver filmes em DVD com o DVD Player 3.0, que traz um painel de controle mais simples e funcional do que seu antecessor. Porém, o programa só rola em Macs com drive de DVD-ROM embutido e placa AGP e não permite ver filmes num PowerBook ou iBook conectado a uma TV ou monitor externo. Já a autoria de DVD chegará em breve com o iDVD 2, que só rodará no X. O DVD Player 3.0 é um bom exemplo das possibilidades de multitarefa do OS X. Num G4 Dual 450 MHz, é possível assistir DVD, rodar o Virtual PC, tocar MP3 no iTunes, acessar a Internet e baixar email simultaneamente, sem nenhum "soluço". Realmente impressionante – mas isso não vai rolar em qualquer Mac, claro.

Efeito Scale do Dock é mais rápido e menos frufru que o Genie

Quebrou o mouse? Agora dá para operar os menus e caixas de diálogo só pelo teclado

O que cai na rede...

Para quem trabalha com redes AirPort, o novo OS X inclui o AirPort Admin Utility, utilitário para gerenciar estações base AirPort sem ser necessário utilizar o Mac OS 9. Infelizmente, o Software Base Station, função que faz um Mac com placa AirPort assumir o papel da estação base só roda no OS 9, por enquanto.
Além disso, o Mac OS X 10.1 finalmente consegue se comunicar com outros Macs pelo velho protocolo AppleTalk, não apenas via TCP/IP. Ou seja, Macs com sistemas anteriores ao Mac OS 9 podem ser acessados pelo OS X.
Mais importante que isso tudo – para as redes corporativas – é o cliente embutido SMB (Server Message Block), essencial para conectar-se a servidores de arquivos Windows ou Unix baseados em SMB. Só que os servidores SMB não são listados automaticamente na caixa Connect to Server. É necessário é digitar a URL (começada com smb://) e em seguida entrar com nome de grupo, nome de usuário e senha. Não é exatamente um processo intuitivo, mas funciona perfeitamente. No OS 9 isso só seria possível a partir de programas como DAVE ou DoubleTalk *(leia a matéria de capa desta edição).*
O suporte a impressão também foi bastante melhorado, com a inclusão de arquivos de descrição para mais de 200 impressoras, incluindo as da Hewlett-Packard, Lexmark e Xerox. A Apple diz que o suporte para os modelos USB também foi melhorado, mas não pudemos comprovar isso com a Epson Stylus 580 nem com a Okipage 8z.

A volta do AppleScript

Foi bastante aperfeiçoado o suporte a AppleScript no Finder e dentro de vários componentes do sistema, como o Print Center, Internet

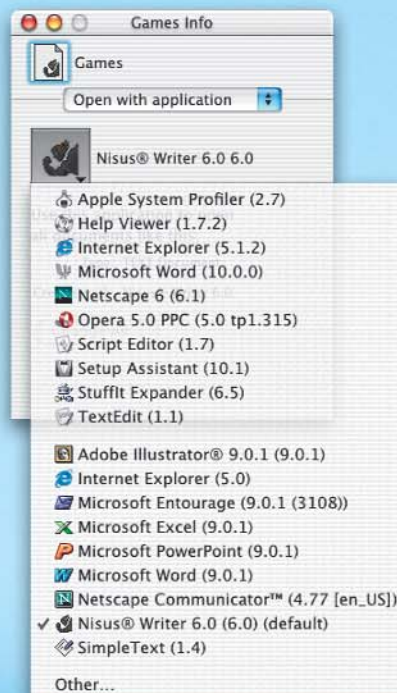
Connect e Terminal. O 10.1 inclui uma pasta com diversos AppleScripts que adicionam funcionalidades ao sistema e a vários programas (nosso preferido é o Crazy Message Text, que cria automaticamente "mensagens de seqüestrador" no Mail).
A mudança mais dramática no AppleScript foi sua integração com a linguagem XML e o protocolo RPC, que dá acesso a dados contidos em sites da Web direto do Finder. Um exemplo que já vem com o sistema é o script Stock Quote, que dá o valor de ações de empresas americanas. Outro interessante é o BlogScript (www.webentourage.com), que permite aos blogueiros postarem mensagens em seus diários online de dentro de qualquer programa do OS X.

Aqua limpa

A interface Aqua certamente é sensacional e atraente, mas ainda consumirá alguns updates até que fique tão "redonda" quanto a do sistema clássico. Afinal, cadê todos os nossos queridos menus contextuais, tão úteis no OS 9? Abra o menu contextual numa janela do Finder e você verá apenas três opções: Help, New Folder e Show Info. Não dá para organizar alfabeticamente nem alinhar (Clean Up) os ícones. Para isso, é preciso ir ao menu View ▸ View Options ou teclar ⌘[J]. Esperamos ansiosamente a volta desses comandos no menu contextual na próxima versão. Afinal, em time que estava ganhando não se mexeria.
Por outro lado, os nomes dos arquivos passaram a ser mostrados de forma mais eficiente. O Mac OS X já tinha acabado com a tradicional limitação de até 31 caracteres nos nomes de arquivos, mas não apresentava as letras intermediárias do nome do documento quando ele era grande demais para ser mostrado, o que podia confundir na hora de diferenciar arquivos com nomes parecidos. No 10.1 esses problemas são minimizados com os nomes em duas linhas na vista de ícones e também com as colunas redimensionáveis nas janelas em vista por colunas. É possível mudar a largura de todas as colunas de uma vez ou alterar apenas uma delas, arrastando a "maçaneta" com a tecla [Option] pressionada.
Maravilha das maravilhas: finalmente dá para mudar o ícone do HD, que nem no 9. E a combinação ⌘[Shift][3] para capturar imagens na tela voltou, assim como o ⌘[Shift][4] para fotografar uma seleção.
Porém, existem aspectos da interatividade aos quais teremos de nos acostumar, ainda que deixemos escapar alguns palavrões no processo. O exemplo mais clássico disso é quando teclamos ⌘[N] no Finder e, em vez de uma nova pasta, surge uma janela do Finder. Para criar pastas, o atalho agora é ⌘[Shift][N].
A lógica da mudança é compreensível, pois na maioria dos programas o ⌘[N] serve exatamente para isso: abrir uma nova janela. Mas, até que nos acostumemos, continuaremos profanando o OS X.

O Show Info (ex-Get Info) permite associar tipos de arquivos a programas pela extensão do nome

Confusão com nomes

Por causa da herança do Unix (ou influência do Windows, já que as conseqüências são as mesmas), a natureza dos arquivos no X passa a ser definida pelas extensões nos seus nomes (.tif, .doc etc.). Isso a despeito de o Mac OS clássico ter um método de associação de arquivos mais moderno, baseado nos atributos invisíveis Type e Creator e com preponderância sobre as extensões quando presentes. Essa é uma das maiores bolas fora da Apple.
A opção padrão do OS X 10.1 é não mostrar as extensões no Finder, já que os macmaníacos não têm a tradição de se preocupar com esse tipo de coisa. De qualquer modo, você pode ir às preferências do Finder e habilitar a opção "Always show file extensions" como regra geral. Porém, essa preferência pode gerar confusões, já que alguns arquivos a ignoram na cara dura. Por exemplo, se você criar um arquivo TextEdit enquanto a regra é "mostrar as extensões", esse documento sempre mostrará sua extensão, mesmo que as configurações gerais do Finder determinem que ele faça o oposto.
O porquê disso é um mistério.

Vou ou não vou?

E aí, vai encarar ou não o OS X? Se você ainda está em dúvida, listamos os fatores que podem ajudar na decisão

Não vou mudar, porque:

- "Não posso me dar ao luxo de gastar 1,5 GB para instalar o OS X". Nesse caso, o jeito é colocar um HD maior.
- "Meu Mac não tem chip G3 nem G4". As soluções são trocar de Mac ou colocar uma placa de upgrade compatível com o OS X.
- "Falta-me RAM". É só comprar mais...
- "Os programas que uso ainda não rodam nativamente no OS X". E daí? Quase todos funcionam no Classic sem problemas nem perda de desempenho. Há exceções, como alguns games, o Final Cut Pro, Logic Audio e outros programas de áudio e vídeo.
- "Demorei um tempão para aprender a mexer com o OS 9 e não estou com a mínima vontade dar uma de Ivan Lins e começar de novo." Vamos lá, não é tão diferente assim. É como se você se mudasse para uma casa nova: mais espaçosa, mais segura e com uma ótima vista.
- "Incompatibilidade de hardware: meu Mac tem alguma placa ou periférico que o OS X não reconhece." Aí não tem jeito: a única opção é continuar no sistema clássico enquanto o driver não sai.

Vou, porque o OS X 10.1:

- Roda razoavelmente até num iMac 233 com 96 MB de RAM.
- Comunica-se com câmeras digitais via USB sem software adicional (testamos com Canon, Kodak, Fuji e Sony).
- Monta servidores de Windows NT e 2000 sem software adicional.
- Possibilita a comunicação com Macs velhos através do AppleTalk.
- Tem iDisk com conexão permanente, uma ótima maneira de trocar arquivos entre o Mac de casa e o do trabalho, ou até com PCs.
- Monta discos FireWire sem preci sar de driver.
- Tem rede AutoConnect. Detecta automaticamente se a conexão vem pelo modem, Ethernet ou AirPort.
- FTP e Web Sharing embutidos.
- Tem memória virtual eficiente.
- É multitarefa de verdade!
- Não trava, nem que a vaca tussa.

Abrir o iDisk no Windows é bico

1 Abra o Windows Explorer e escolha, na árvore da esquerda, “My Network Places”.
2 Clique duas vezes em “Add Network Place”. Entre a URL do seu iDisk no local indicado.
3 Entre seu nome de usuário e senha do iTools.
4 Dê um nome para seu “disco”.
5 Ele foi criado e agora deve ser aberto. Entre novamente com seu nome de usuário e senha.
6 Admire sua conquista.

Além disso, algumas extensões de arquivos – como .html – vão sempre aparecer, a menos que você as mude na janela de Info ou simplesmente renomeando no braço. Mas, ao fazer isso, uma mensagem pergunta se você realmente sabe o que está fazendo, pois a alteração pode fazer com que o documento seja associado ao programa errado. O que nos leva à seguinte pergunta: por que tanta confusão em torno desse assunto, já que o método original do Mac OS é mais moderno e tem preferência sobre o do Unix? Se a questão está relacionada à troca de arquivos entre plataformas, seria melhor deixar que os programas resolvessem isso colocando automaticamente a extensão apropriada nos arquivos salvos, seguindo o exemplo do Photoshop e meia dúzia de outros aplicativos bem-comportados. Mas vá convencer os engenheiros da Apple disso...
Nem tudo é ruim em se tratando de extensões, porém. Se algum arquivo não quiser abrir no programa certo, é só dar Show Info, selecionar “Open with Application” no menu pop-up e clicar no ícone do aplicativo para escolher um outro. Dá para mudar a associação somente para o arquivo em questão ou para todos os que tenham a mesma extensão. Isso é algo que não se poderia fazer no Mac OS 9 sem usar um programa específico para editar os atributos de Type e Creator.

Vale quanto pesa?

Tudo bem; depois de ler sobre tantas inovações, é bem provável que você não tenha chegado a uma conclusão definitiva sobre se vale ou não a pena adotar o OS X agora. Na verdade, não há muitas razões para não dar uma chance a ele *(ver o box “Vou ou não vou?”)*, que tem uma série de vantagens em relação a outras atualizações de sistema históricas – e, às vezes, traumáticas – da Apple. Isso porque o OS X é instalado à parte e sempre é possível iniciar a máquina tanto a partir do Mac OS 9 quanto do 10.1. Sem traumas.
Além disso, não se pode negar o fato consumado: o OS X é o futuro inevitável do Mac. Postergá-lo não vai ajudar em nada. Em breve, a maior parte das empresas só estará lançando programas “carbonizados” e quem não estiver com o X em dia ficará comendo poeira. Mas, por enquanto, não precisa sentir-se envergonhado de seu Mac OS 9. Quando você achar que é o momento certo, siga o caminho dos tijolos amarelos, ou melhor azuis. **M**

Márcio Nigro
Queria fazer uma piadinha com a Xuxa aqui, mas achou melhor não...

Atalhos úteis do Mac OS X 10.1

Atalhos gerais

⌘H – Esconde o programa (vale só para os programas nativos)
⌘M – Minimiza janela
⌘Shift Q – Logout
⌘Shift 3 – Tira foto da tela (o arquivo é salvo como TIFF no seu desktop)
⌘Shift 4 – Tira foto de seleção da tela (idem)
⌘Tab – Pula para o próximo programa ativo, pela ordem do Dock, da esquerda para a direita
⌘Shift Tab – Pula para o próximo programa ativo, na ordem inversa
Option-*clicar no ícone de um programa no Dock* – Muda para esse programa e oculta aquele em que você estava antes
Option-*clicar e segurar no ícone de um programa no Dock* – O comando Quit do menu do Dock muda para Force Quit
F12 – Ejeta disco (para teclados sem tecla Eject)
Control-*clique no topo da linha divisória do Dock* – Menu contextual com opções do Dock
⌘Option-*clique no mesmo lugar* – Redimensiona o Dock para tamanhos específicos de ícones (16x16, 32x32 e 48x48)
Shift-*clique no mesmo lugar* – Move o Dock para as laterais do desktop

Finder

⌘B – Esconde Toolbar (Barra de Ferramentas)
⌘Option A – Abre a pasta Applications
⌘Option H – Abre a pasta Home
⌘J – Abre a janela View Options (Opções de Visualização)
⌘K – Conecta a outro computador pela rede (Connect to Server)
⌘N – Nova janela
⌘Shift N – Nova pasta
⌘Z – Undo (desfazer) ações
⌘Delete – Envia arquivo ou pasta para o Lixo
⌘Shift Delete – Esvazia o Lixo
⌘-*clique* – Move item (pasta ou arquivo) de um disco para outro; copia e em seguida apaga o original
Option-*arrastar* – Redimensiona apenas uma coluna da janela do Finder
⌘Option C – Abre a janela Computer
⌘Option I – Abre o iDisk
↑←↓→ – Navega pelos discos no modo de colunas
⌘C e ⌘V – Copia e cola arquivos e pastas

Mac OS X brasileiro: ainda no “beta”

Versão localizada tem falhas de tradução

A espera pelo Mac OS X em português foi longa: desde o dia 24 de março (quando foi lançado nos Estados Unidos) até setembro, foram seis meses de segredos por parte da Apple Brasil, sem contar os diversos adiamentos (a primeira data divulgada era julho, na Fenasoft). Porém, ao colocar a mão na caixa do sistema, a sensação foi de que ainda precisava de mais tempo para ficar bom.

Teve promoção de lançamento (os 100 primeiros compradores ganharam um Kit Apple exclusivo), o visual do produto está OK, a caixinha é toda em português, vem com uma cópia do Mac OS 9.1 localizada (veja a matéria na edição 88 para saber mais detalhes) e o CD de desenvolvedor (em inglês), manual bem impresso e tudo nos conformes. A instalação foi quase tranqüila (o Mac OS X em português precisa ser instalado em cima de uma versão do 9.1 também em português) e a apresentação de abertura está toda traduzida. Até aqui, tudo bem.

A decepção vem logo a seguir.

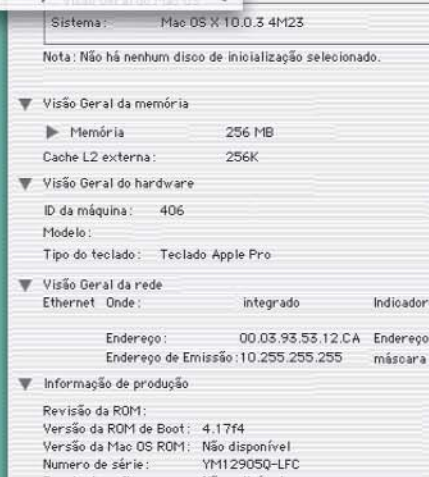
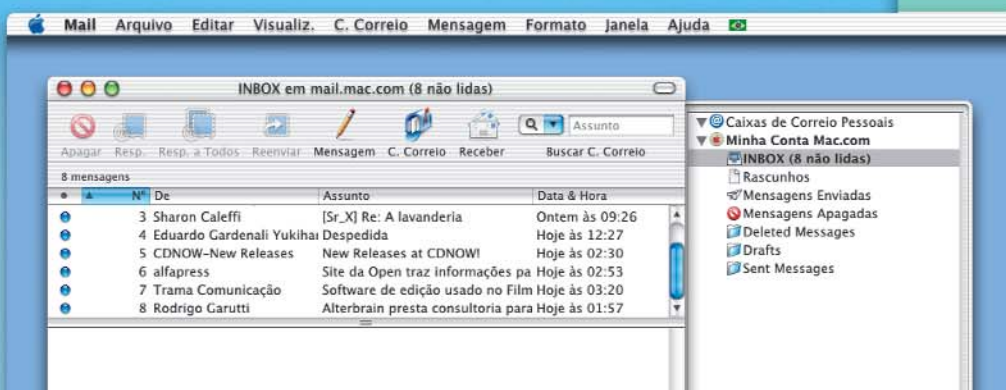
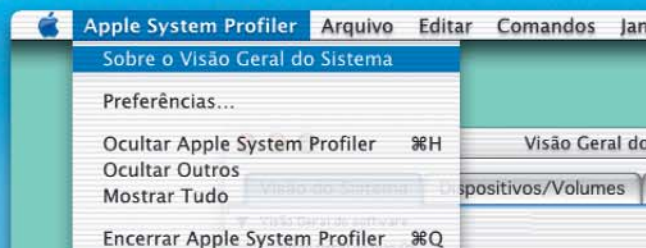
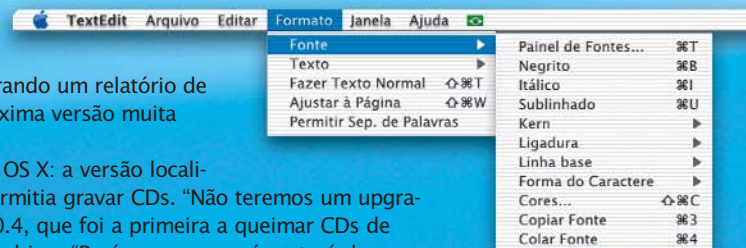
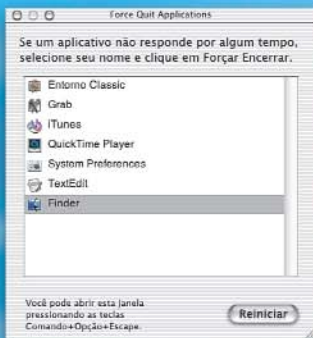
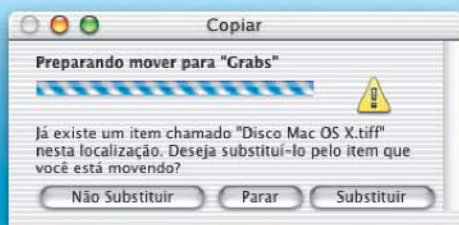
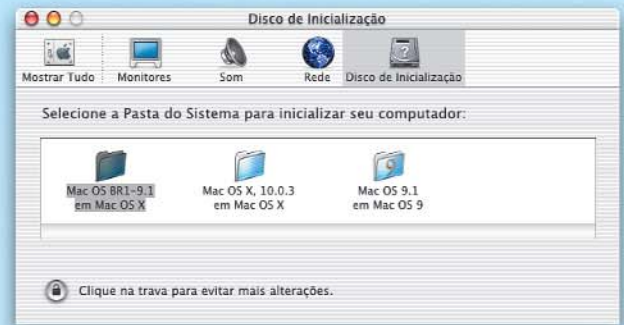
Em primeiro lugar, a tradução dos programas é confusa. No Finder os nomes de todos os programas estão em inglês, mas na barra de menu aparecem em português (com exceções: o Apple System Profiler, ou Visão Geral do Sistema, aparece no menu nas duas formas). A explicação para essa “salada mista”, segundo Rodrigo Pellicciari, gerente de produto da Apple Brasil, é que não há autorização para localizar os nomes dos pacotes (aplicativos) do OS X. “Esse problema não é exclusivo da nossa versão. A localização em chinês também teve as mesmas dificuldades”, acrescentou Rodrigo. “Nós já estamos elaborando um relatório de bugs para enviar à Apple e na próxima versão muita coisa será corrigida.”

Outra desvantagem do nosso Mac OS X: a versão localizada é a 10.0.3, que ainda não permitia gravar CDs. “Não teremos um upgrade em português para o OS X 10.0.4, que foi a primeira a queimar CDs de música com o iTunes”, explicou Rodrigo. “Porém, o macmaníaco terá duas atualizações do 10.1 garantidas, uma em inglês e outra em português.”

Ah... antes que alguém esqueça: nenhum dos programas Apple que foram traduzidos recentemente (iTunes, iMovie e AppleWorks) tem uma versão em português para o Mac OS X.

Mas nem tudo é coisa ruim. A Apple Brasil nos deu o primeiro programa cliente de email para Mac em português. Sim! O Mail (isso mesmo, o nome não foi traduzido para “Carta” nem coisa que o valha) que vem no OS X foi, sim, localizado. Bem, tem ainda algumas pastas em inglês, mas no geral está tudo certo. Menus e botões aparecem em português, e é isso que vale. Pelo menos até o próximo upgrade do Mac OS X.

Talvez a localização do sistema sofra da “maldição da versão ímpar”, como nos filmes de Jornada nas Estrelas, e o próximo lançamento nos surpreenda. Vamos esperar para ver. Por enquanto, é melhor esperar um pouco. **M**

Sérgio Miranda

X Sem autodiscagem no OS X

Se você prefere que o modem de seu Mac com OS X não ligue automaticamente para seu provedor quando alguma ação relacionada à Internet é iniciada, desabilite o recurso de autodiscagem: Abra o System Preferences, clique na opção

Network e selecione seu modem no menu Configure. Em seguida, clique na aba PPP Options e desabilite a opção "Connect automatically when starting TCP/IP applications". Clique em OK e salve.

Exporte pastas do Entourage

Para criar um arquivo a partir de uma pasta do Microsoft Entourage, arraste-a para o Desktop. Feito isso, será criado um arquivo único, contendo todas as mensagens guardadas na pasta. Mas note que as mensagens armazenadas dentro de subpastas não serão arquivadas.

Com esse arquivo em mãos, você pode deletar a pasta original do Entourage. Para restaurá-la, apenas arraste o documento criado de volta à lista de pastas do programa.

X Som nascido

Se você mutou (selecionou o modo mute) o seu PowerBook G4, G3, Cubo ou iMac (Summer 2000) enquanto estava rodando o OS X 10.0.4 e colocou o computador para dormir, deve ter notado que, quando ele volta à atividade, o som fica ativo de novo. Para silenciá-lo, você terá que abrir o System Preferences, clicar em Sound e então desligar e religar a opção Mute.

Ainda o AVI

Faltou um item importante na dica que demos sobre como ver filmes em formato AVI no Mac (Macmania 87). Existe um novo formato, o DivX, muito popular entre os pecezistas que utiliza um codec "haqueado" do Windows Media Player da Microsoft. Felizmente, existe uma extensão que permite ver esse tipo de filme no QuickTime Player. O OpenDivX é compatível com Mac OS 9 e X e (www.projectmayo.com) permite abrir e exportar filmes DivX em programas que usam os codecs do QuickTime. Para salvar um filme em DivX, é só instalar a extensão, exportar o filme como QuickTime Movie e escolher o codec DivX. E torcer para não dar pau.

Limpando o Library

Você já compilou aquela lista "supimpa" de MP3, já gravou seu CD e até já apagou os arquivos do HD, mas os nomes das músicas ainda estão no Library, só para te confundir. Para identificar quais os arquivos de MP3 que não estão mais no seu HD siga os seguintes passos:

1. Selecione todas as músicas do Library com ⌘A.
2. Abra a janela do Get Info com ⌘I.
3. Confirme a opção para alterar múltiplos arquivos.
4. Não faça nenhuma modificação e clique em OK.

Pronto! Todos os arquivos ausentes estarão marcados com uma exclamação (!) e poderão ser facilmente apagados.

Rogério Rocha - Alphaville, Barueri, SP

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

10 passos para conectar dois Macs

Desta vez é pra valer. Vamos mostrar de forma definitiva e prática como ligar dois Macs em rede. Às vezes, até usuários experientes se embananam na hora de saber porque uma máquina não está aparecendo na rede. Por isso, nem vamos encher linguiça: vamos partir direto para os finalmentes!

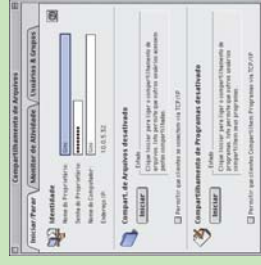
1 Os dois Macs precisam estar conectados pela porta Ethernet (a que tem o símbolo <···>), através de um cabo Ethernet *cruzado*, também conhecido como cabo *crossover, cross* ou *"micro-a-micro"* (peça para o rapaz da loja de informática; ele sabe).
Se pelo menos um dos dois Macs for de uma safra recente (iBook branco, PowerBook Titanium ou G4 Quicksilver), você poderá usar um cabo Ethernet convencional (direto). Esses modelos possuem um recurso, chamado AutoSense, que elimina a necessidade de hub ou de cabo cruzado para interligar diretamente o seu Mac a outro.

2 Abra no menu da maçã o Chooser (Seletor) e clique no ícone AppleShare. O nome do outro Mac deverá aparecer no campo à direita. Ative a opção "AppleTalk" no pé da janela. ⇩

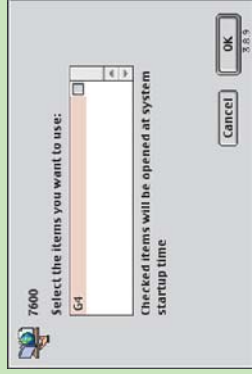
↑ **Caminho alternativo** – Você também pode conectar-se ao outro Mac pelo Network Browser (Navegador da Rede). Abra-o e clique no triângulo ao lado de "AppleTalk". Você deverá ver o ícone da outra máquina. Duplo-clique nele.

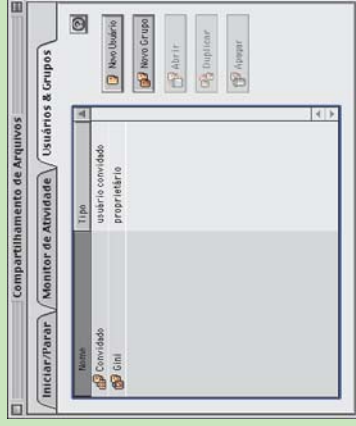
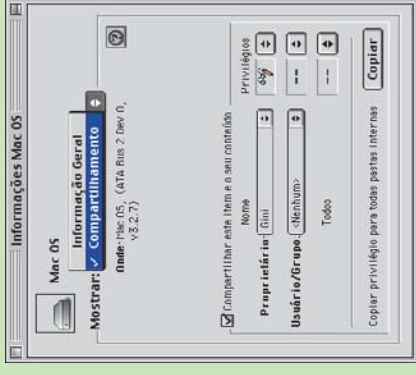
3 *(Fazer nos dois Macs)* Abra o painel de controle AppleTalk. Cheque se a opção de conexão Ethernet é a selecionada no menu Connect Via (Conectar Via). Feche o painel (deixe salvar a configuração quando ele pedir).

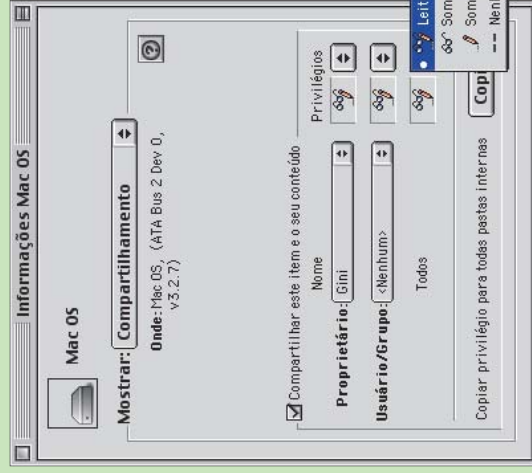
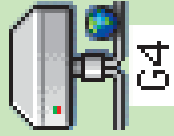
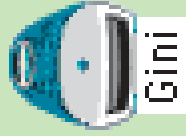
Se uma mensagem de erro aparecer quando você tentar mudar a conexão AppleTalk para Ethernet, talvez seja porque o cabo Ethernet não está bem plugado ou com defeito. Tente com outro cabo.

4 *(Fazer nos dois Macs)* Abra o painel de controle File Sharing (Compartilhamento de Arquivos), aba Start/Stop (Iniciar/Parar). Preencha com o seu nome, a senha e o nome com o qual o computador aparecerá no Chooser das outras máquinas. Clique no botão Start (Iniciar). O compartilhamento estará pronto quando o ícone da pastinha passar a ter um fio saindo e o botão Start mudar para Stop (Parar). O processo pode demorar um pouco; isso é normal. Volte ao Chooser.

5 Nesta janela, você escolhe se vai entrar no outro computador como Guest (Convidado) ou Registered User (Usuário Registrado). Como estamos tratando com uma rede de somente duas máquinas, onde você não precisa se preocupar com segurança, vamos de Guest mesmo. A opção Guest deverá estar disponível; caso contrário, será preciso habilitá-la.

Só se você já executou o passo 3

6 Você verá outra janela, com um campo com o nome do HD da outra máquina e um quadradinho ao lado.

Não clique no quadradinho agora (ele serve para que seu Mac procure a outra máquina na rede a cada novo startup). Dê OK.

7 Vá até o outro Mac. Abra o painel File Sharing, clique na aba Users & Groups (Usuários & Grupos) e duplo-clique o ícone Guest (Convidado). ⇩

⇧ Na janela que se abre, selecione Sharing (Compartilhamento) no menu pop-up e marque a caixinha "Allow guests to connect to this computer" ("Permitir a conexão de convidados a esta máquina"). Feche a janela e o File Sharing.

8 Se quiser compartilhar o disco inteiro, selecione o ícone de seu HD no desktop e selecione o menu File ▸ Get Info (Arquivo ▸ Obter Informações), ou use o atalho de teclado ⌘I. Na janela de Info (Informações), no menu Show (Mostrar) selecione Sharing (Compartilhamento) e marque a caixa "Share this item and its contents" ("Compartilhar este item e o seu conteúdo").

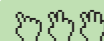
9 Vá ao menu pop-up ao lado de Everyone (Todos) e selecione o que o usuário da outra máquina poderá fazer: Read & Write (Leitura & Gravação), Read Only (Somente Leitura) ou Write Only (Somente Gravação). As duas últimas opções limitam o que o usuário da outra máquina pode fazer na sua. Write Only também é chamado de Drop Box (Caixa de Depósitos). Feito o ajuste, feche a janela para registrar os novos privilégios de acesso. Você pode compartilhar pastas específicas em vez de seu HD inteiro, o que é recomendável para evitar que outro usuário apague algo importante, acidentalmente ou não. Mesmo assim, você continuará podendo acessar seu HD inteiro se entrar nele pela rede com seu próprio nome e senha. Repita os passos 7 a 9 no outro Mac. Volte ao Chooser do outro Mac e duplo-clique no nome do outro. Selecione Guest e clique em Connect.

10 Feche o Chooser. O ícone do outro Mac aparecerá no desktop e funcionará como qualquer pasta local dentro do seu Mac. **M**

Escolha seu browser

Nem só de Explorer vive a Web

O conceito de navegar na Web sempre foi o mesmo: um mouse na mão e um navegador (ou, em português mais claro, *browser)* na tela. Parece uma coisa tão simples que seria justo imaginar que existe um grande número desses programas por aí, à nossa disposição. Porém, de modo geral, as decisões de escolha dos macmaníacos – e, pensando melhor, também dos pecezistas – quase sempre foram entre o Netscape e o Internet Explorer. A coisa apertou ainda mais quando a AOL jogou a toalha, dizendo que não iria mais atualizar o Netscape, deixando o browser da Microsoft comemorando sozinho no ringue. Mas ninguém se atreve a deixar Bill Gates brincar sozinho, e esse panorama está mudando com o renascimento da versão Open Source do Netscape, que pulou a versão 5 e foi direto para a 6, e também com o surgimento de dois novos participantes: iCab e Opera. Se contarmos a versão 4.78 do Netscape, que ainda está em vigor e deverá ser a final, contamos cinco opções de browsers, todas com versões para o Mac OS clássico e para o Mac OS X. Somando o OmniWeb, que é exclusivo para o OS X, tem-se um total de 11 browsers. Menos mal!

iCab Preview 2.5.3

O oposto do Netscape é o iCab, browser originário da Alemanha que se diferencia por ser muito enxuto. Ele ocupa apenas 2 MB de RAM e faz quase tudo que os outros fazem. Além disso, é o único que tem versão para Macs mais antigos (68k), a salvação para quem precisa rodar um browser moderno em um Mac nem tanto. Como está em fase preview (ou seja, em teste), ainda pode dar problemas com páginas em Flash. De qualquer modo, pode ser uma boa opção para acessar sites sem pirotecnias ou para quem tem um Mac meio capenga e precisa de um programa peso-leve. Quando estiver finalizado, o iCab terá duas versões, uma paga (US$ 29) e outra gratuita.

A interface é bastante similar à do Explorer, com algumas mudanças de nomenclatura (Hotlist em vez de favoritos ou bookmarks). Oferece recursos exclusivos, como a capacidade de bloquear banners e janelas de propaganda (idéia sensacional), e um modo "quiosque" que cobre toda a tela e some com os

Onde encontrar: www.icab.de

Pró: Simples e leve; tem versão 68k; capaz de filtrar banners

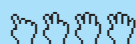
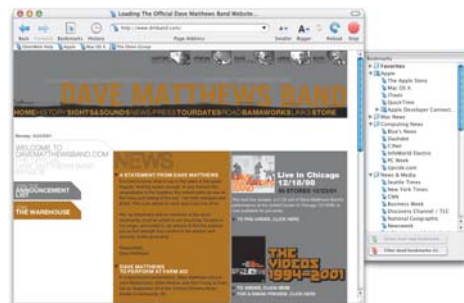
Contra: Compatilidade com Flash é deficiente

X OmniWeb 4.0.5

De todos os programas presentes nestas páginas, é o único feito exclusivamente para o Mac OS X. Foi desenvolvido pelo OmniGroup, empresa fundada por várias pessoas que trabalharam com Steve Jobs na NeXT. O OmniWeb é estável e rápido; tem uma interface bonita, limpa e consistente; e é o browser que mais a fundo incorporou o espírito do Mac OS X, provavelmente porque a história dos dois tem pontos em comum. A janela de preferências, por exemplo, é igual à do sistema operacional. Jóia! As janelas de favoritos e histórico são "gavetas" iguais às que se vê no Mail do OS X. A tipografia é perfeita; esse é o único browser que usa o *render* de fontes nativo do OS X e não as adaptações toscas a que estamos acostumados no sistema clássico. Para ler páginas com muito texto, é o campeão absoluto.

Em recursos, o programa lembra muito o Explorer, oferecendo autopreenchimento de formulários, personalização da barra de ferramentas e um gerenciador de downloads da hora.

O OmniWeb também traz recursos avançados para que você tenha controle sobre os applets Java, plug-ins, cookies e sites seguros. E ainda permite abrir e editar o código HTML de uma página.

O OmniWeb tem quase tudo para conquistar sua simpatia; só falta mesmo melhorar a compatibilidade com Flash, que ainda é precária.

Onde encontrar: www.omnigroup.com

Pró: Ótima interface; tipografia sensacional

Contra: Tem que melhorar o suporte a Flash; não existe versão para o Mac OS clássico

Opera

O Opera é outro browser que está em fase de testes (no caso, beta), e também tem tersões para Mac OS clássico e OS X. A Opera Software diz que seu programa é "o browser mais rápido do mundo", mas não confirmamos essa afirmação. Na realidade, o programa ainda está muito bugado e apresenta problemas para exibir muitos sites (ele não gostou, por exemplo, do site da Macmania), principalmente os que usam Flash. Mesmo outros tipos de animações nem sempre se comportam como deveriam, podendo ficar piscando o tempo todo. A maior ironia de todas é que o Opera marca o tempo que leva para a página ser carregada, mas houve casos em que desistimos de esperar depois que o cronômetro rompeu a barreira do minuto. Outra característica inconsistente é que o campo de URL "vira" a barra de progresso. O inconveniente disso é que, se você digitar uma URL errada e perceber o erro, terá que clicar primeiro no botão Stop para poder redigitar o endereço. E o pior é que você provavelmente terá que digitar tudo de novo. Para quê simplificar se dá para complicar, não é? Para não dizer que só falamos mal, o Opera é capaz de fazer *zoom* nas páginas, de 20% até 1000% – recurso curioso, ainda que de utilidade duvidosa. Opa, falamos mal de novo... De qualquer maneira, existem macmaníacos que têm relatado boa experiência com esse browser, mas não foi o nosso caso.

A versão do Opera para Mac OS X roda melhor que a do sistema clássico, apresentando comportamento mais estável; os GIFs animados funcionam normalmente. Só que as animações em Flash não rolam, mesmo porque a versão ainda é beta e os plug-ins não estão funcionando. Enfim, ainda falta muito chão.

Onde encontrar: www.opera.com

Pró: De vez em quando, é rápido

Contra: Muito bugado

outros programas (ideal para apresentações). Outra característica única é o Smiley, ícone que mostra uma carinha sorridente quando a página visitada está de acordo com a especificação HTML e fica séria ou brava quando há discrepâncias. Mas você não verá o Smiley sorrir muito e, para falar a verdade, uma das poucas vezes que fomos presenteados com um sorriso foi quando acessamos o site do iCab.

O iCab para Mac OS X está no caminho certo. A interface padrão Aqua é mais elegante e a compatibilidade com Flash mostrou-se melhor do que a da versão para o OS 9, mas ainda é um pouco deficiente. Pode – e, provavelmente, vai – melhorar, pois ainda apresenta problemas de visualização em determinadas páginas. Mas é por aí.

Netscape Communicator 4.78 e Navigator 6.1

Quando a Internet começou a se popularizar, o Netscape era o browser dominante, sendo usado por mais de 90% dos usuários. De quatro anos para cá, vimos a Microsoft ir ganhando mais e mais terreno e, hoje, é o Internet Explorer quem está na dianteira. A última cartada da Netscape, meio desesperada, foi abrir o código-fonte de seu programa para que

desenvolvedores o aprimorassem (o tal projeto Mozilla). O resultado veio à tona na versão 6 (atualmente 6.1), que trouxe mudanças substanciais. No entanto, o Netscape 6.1 não é para qualquer Mac (ou PC) e, por isso, a versão 4.78 continua disponível para download. Em resumo: existem dois Netscapes soltos por aí, que têm de ser analisados separadamente.

O Netscape Communicator 4.78 é o tradicional, com a mesma interface há anos. Na verdade, o programa não é apenas o browser, e sim um pacote que inclui o Messenger (programa de email), o Composer (para criar páginas HTML), o AOL Instant Messenger (mensagens instantâneas) e o Netscape Radio (rádio virtual). É claro que tudo isso consome mais RAM de seu Mac (pelo menos 8 MB), mas há a praticidade de se ter o browser e o programa de email sob o mesmo "teto".

Infelizmente, o módulo de email é limitado a somente uma conta de cada vez; quem usa várias contas tem que criar vários perfis de usuário *(user profiles)* separados e ficar pulando entre eles, ou desencanar e usar um programa de mail separado.

O browser versão 4.78 não tem tantos recursos e nem é tão amigável quanto o Internet Explorer, mas muitos sites costumam funcionar mais rápido e melhor com o Netscape, especialmente aqueles que empregam Java. Essa é uma das razões que levam os usuários a manter os dois programas instalados no Mac. Além de serem gratuitos, é claro.

Já o Netscape 6.1, é outra história – no bom e no mau sentido. A nova versão teve a interface retrabalhada e ficou com um visual mais simpático e moderno. Seu código também foi inteiramente reescrito, tendo em vista as mais novas tecnologias para a Web.

Communicator 4.78

Onde encontrar: www.netscape.com

Pró: Inclui programa de email e mensageiro da AOL; estável e veloz
Contra: Pouco personalizável; recursos limitados

Microsoft Internet Explorer 5.0 e 5.1

Uma coisa não dá para negar: a Microsoft é esperta e sabe como romper a antipatia natural que muitos macmaníacos têm em relação a ela. A chegada do Internet Explorer 5, há quase dois anos, foi o golpe de misericórdia no domínio do Netscape para Mac, trazendo uma série de novidades inexistentes no concorrente. Bons exemplos disso são as abas laterais que dão acesso aos sites favoritos, histórico, busca, Scrapbook – uma área para arquivar páginas – e Page Holder – que facilita a navegação em sites com muitos links (você joga a página ao Page Holder e clica nos links dela para abri-los na parte principal da janela). Além do visual bonito e da barra de ferramentas editável, um recurso útil é o AutoFill (auto-preenchimento), que memoriza seus dados para preencher formulários automaticamente, e o AutoComplete, que completa os URLs à medida que são digitados. O browser a princípio não come muita memória RAM, mas na verdade ele se expande para ocupar a memória disponível "na surdina", sem dar bandeira.

O Internet Explorer 5 para o Mac OS clássico é estável e compatível com todas as tecnologias-padrão da Web. Mas ainda há o que melhorar em termos de estabilidade (ele adora fechar repentinamente) e de desempenho com sites que usam Java. Internet banking com o Explorer? Nem sempre é possível.

No Mac OS X, o Explorer 5.1 não oferece diferenças substanciais. Até o *render* das fontes é o mesmo da edição clássica. A versão final vem com o Mac OS X 10.1 e traz como novidade a compatibilidade total com o Java 2.0 embutido no OS X. Um bug (ou feature) preocupante é que ele vem ajustado para abrir e instalar automaticamente programas baixados pela Web, o que é uma falha de segurança. Mas isso tem solução: abra as preferências, seção Download Options, e desligue as opções "Automatically decode MacBinary files" e "Automatically decode BinHex files".

Onde encontrar: www.microsoft.com/mac

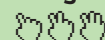
Pró: Completo, funcional e personalizável
Contra: Um pouco instável com applets Java

Uma das novidades é a barra lateral de ferramentas My Sidebar, que incorpora calendário, mensagens instantâneas e lista de contatos – e ainda ressuscita os velhos canais de informação com cotações de ações e notícias dos mais variados assuntos. Na verdade, é uma idéia chupada do Internet Explorer, com algumas mudanças.

Tanto o My Sidebar quanto a interface em si podem ser personalizados e é possível aplicar "temas" (ou peles, *skins*, chame como quiser). O programa de email também foi melhorado, passando a aceitar múltiplas contas.

Tudo parece lindo-maravilhoso, mas o Netscape 6.1 é um comedor voraz de RAM, tendo como tamanho sugerido 28 MB. Além disso, exige muito mais poder de processamento do que as versões anteriores e do que qualquer outro browser conhecido. Só começa a funcionar razoavelmente em Macs com chip G3 e mais de 64 MB de RAM. Caso contrário, é suicídio. Para piorar um pouco mais, a versão 6.1 ainda não rola legal com alguns sites em Flash. E ainda fazem falta uns botões básicos para aumentar e diminuir o tamanho das fontes.

A versão preview do Netscape 6.1 para o Mac OS X roda no sistema clássico também. No geral, é bem rapidinho, superando o Internet Explorer em alguns sites. No entanto, tem problemas para visualizar algumas páginas. O browser recusou-se, por exemplo, a carregar determinadas imagens do iTools, da Apple. A compatibilidade com Flash também tem deficiências, o que acontece também na versão para o Mac OS clássico.

Navigator 6.1

Onde encontrar: www.netscape.com

Pró: Muitos recursos; interface simpática e prática

Contra: Problemas com Flash; muito pesado para Macs mais antigos

MacPRO
o suplemento dos power users
Ano 4 - Nº36
Parte integrante da revista **Macmania**
Não pode ser vendido separadamente

Linux no Mac

A plataforma da Apple está cada vez mais bem servida de versões de Unix de código aberto. Veja o que você precisa e escolha a sua versão

por Alberto V. Mendonça

O Mac OS não é o único sistema operacional que pode rodar num Macintosh. Até aí tudo bem, mas talvez você não saiba que o Mac OS X não é o primeiro sistema baseado em Unix a rodar em máquinas da Apple. O primeiro Unix a rodar num Mac foi o **A/UX**, em processadores 68030 e 68040.

Mas isso já é uma outra história. O que interessa contar aqui é que se pode instalar e utilizar no Macintosh uma diversidade de sistemas operacionais: Linux, NetBSD, OpenBSD e BeOS. Desses, o Linux é o que mais tem chamado a atenção dos macmaníacos, por sua expansão no mercado de servidores e por poder ser instalado em Macs antigos – uma grande vantagem em relação ao Mac OS X, que só roda (oficialmente) em modelos com processador G3 ou G4.

Se você possui um Mac antigo encostado na sua casa ou empresa, pode instalar o Linux e utilizá-lo como servidor de arquivos, *gateway* para distribuir a conexão à Internet pela rede, servidor de email e diversos outros serviços para os quais você provavelmente pensaria em utilizar um PC.

O que é o Linux?

Linux é um sistema operacional **Open Source**, termo que em português significa "Código Livre". Diferentemente do Mac OS e do Windows, que são sistemas proprietários, o código fonte do Linux está inteiramente disponível para download, podendo ser utilizado, redistribuído e alterado, dentro de restrições mínimas.

Sistemas operacionais Open Source são uma novidade no mundo da informática. Com o Mac OS X, a Apple adotou um caminho híbrido. Apesar de o sistema ser de propriedade intelectual da Apple, sua parte mais essencial, conhecida como Darwin e baseada no sistema FreeBSD, segue os ditames do Open Source.

O Mac OS X é um híbrido entre um sistema proprietário e um Open Source

As vantagens de um sistema Open Source são várias. Por ser um software de livre distribuição, o Linux conta com muitas pessoas e até empresas que se empenham em atualizar e organizar o *kernel* e criar aplicativos e documentação para que o sistema fique cada vez mais amigável.

A esse conjunto de aplicativos distribuídos junto com o *kernel* dá-se o nome de **"distribuição Linux"**. Cada uma dessas distribuições tem seu público-alvo e finalidades específicas. Só você quem pode definir qual é a melhor distribuição, pois a melhor será aquela que se adequar melhor à sua necessidade. Você tem a opção de comprar a sua distribuição preferida ou fazer o download na Internet, já que a maioria dos softwares que fazem parte das distribuições são gratuitos.

No caso dos Macs, teremos que tomar alguns cuidados antes de escolher uma distribuição, devido às diferenças tecnológicas muito grandes existentes entre algumas gerações de Macs. Divide-se o hardware dos Macs em quatro categorias, descritas no box abaixo.

Ainda resta uma observação muito importante a fazer. Os modelos Performa que utilizam microprocessadores PowerPC 603 e 603e (52xx, 53xx, 62xx, 63xx) não são compatíveis com nenhuma versão de Linux para PowerPC. A única exceção é o Performa 6360, que, diferentemente dos demais, possui barramento PCI em lugar de NuBus, e por isso é compatível com todas as distribuições Linux para PowerPC compatíveis com Macs OldWorld.

Distribuições para Mac

MkLinux

O MkLinux foi inicialmente desenvolvido na própria Apple, em 1996. Foi uma tentativa da Apple de adaptar o microkernel Mach, hoje utilizado no Mac OS X.

Atualmente a Apple não desenvolve mais o projeto do MkLinux, mas ele continua sendo o único Linux compatível com os Macs que possuem barramento NuBus. O MkLinux também é compatível com os Macs Old World, mas possui diversas exceções: entre elas, os Power Macs NuBus com processador ▶

Um Linux para cada Mac

Tipo	Descrição	Modelos	Distribuições
68k	Macs com chips 68030/040	Quadras e anteriores, exceto LCs	Linux/mac68k
Power Macs NuBus	PowerPCs com barramento NuBus	Performa/Power Mac 5200, 5300, 6100, 6200, 6300, 7100, 8100; Apple Workgroup Server 60, 80, 95, 7150, 8150 e 9150; Apple PowerBook 2300c	MkLinux
Old World	PowerPCs de gabinete bege com barramento PCI	Performas e Power Macs PCI com gabinete bege, chips 603, 604 e G3, sem USB	LinuxPPC, Debian, Mandrake, ROCK Linux, SuSE, Yellow Dog
New World	PowerPCs de gabinete colorido com barramento PCI e USB	iMacs, G3 azuis e brancos, G4	LinuxPPC, Debian, Mandrake, ROCK Linux, SuSE, Yellow Dog

Linux no Mac

continuação

PowerPC 603 e 603e, que não são compatíveis, e o PowerMac G3 azul, que embora seja um Mac New World, é incompatível.
Site: www.mklinux.org
Download: ftp://ftp.mklinux.org/pub/cdimages

Linux 68k

O Linux para Macintosh 68k na verdade é uma variação da distribuição Debian, o **Debian/m68k 2.2**, conhecido como *Potato*. (O nome vem do brinquedo *Mr. Potato Head;* as distribuições Debian usam os personagens de *Toy Story* como codinome para os releases.). Já existe uma versão que utiliza o kernel 2.4, mas ainda precisa ser melhorada.
O Linux/mac68k é compatível com todos os Macs com processador 68k, modelo 68030 ou superior (só os Macs com chip 68LC040 não são compatíveis). A compatibilidade aumenta se o Mac em questão possui FPU (unidade de cálculo de ponto flutuante). O Macintosh II com PMMU, apesar do chip 68020, também é compatível.
Site: http://mac.linux-m68k.org
Download:
ftp://archive.progeny.com/debian-cd/2.2_rev3/m68k

LinuxPPC

O LinuxPPC Inc. surgiu no início do interesse de se desenvolver uma versão do Linux nativa para os microprocessadores PowerPC, em 1996. Foi um dos responsáveis por criar o interesse no Linux em desenvolvedores e usuários de Macintosh. Sua primeira versão bem aceita foi a **LinuxPPC R4**, apresentada em junho de 1998. Atualmente está na versão **LinuxPPC 2000** (6.0).
O LinuxPPC 2000 possui uma interface gráfica de instalação bastante rudimentar, quando a comparamos com as outras distribuicões atuais. Mas é bom lembrar que, quando ela foi implementada, as outras versões de Linux possuíam apenas instalação em modo texto. Até há pouco tempo, podíamos dizer que essa era a versão de Linux para Mac com mais tempo de existência. No entanto, existem muitos rumores de que o LinuxPPC está com seus dias contados. A versão atual é baseada no RedHat Linux 6.2.
Site: www.linuxppc.com
Download:
ftp://ftp.linuxppc.org/linuxppc-stable/install

Cuidado!

Ao tentar fazer o download da sua versão de Linux a partir do respectivo link, preste bastante atenção, pois muitos servidores distinguem letras maiúsculas e minúsculas – uma característica dos sistemas Unix à qual os macmaníacos não estão acostumados.

Debian

O Debian, antes de tudo, não é uma distribuição oferecida por uma empresa. Ele é mantido e desenvolvido por voluntários do mundo inteiro. Você encontra no Debian as mesmas ferramentas disponíveis para as outras versões, mas sem aplicativos comerciais e versões simplificadas de jogos. Possui um programa de instalação e desinstalação de pacotes que é considerado o melhor disponível, o **apt** – superior ao RPM da Red Hat.
Seu processo de instalação ainda é bastante complicado, feito inteiramente em modo texto e sem ferramenta de detecção automática de hardware, além de trazer bastante dificuldade para a configuração dos componentes de vídeo. Sem dúvida, é uma das melhores distribuições de Linux para os experts, mas um problemão para quem nunca viu um Linux antes. Aguarde para experimentá-lo depois de estar bastante familiarizado com esse sistema operacional.
Site: www.debian.org
Download: ftp://archive.progeny.com/debian-cd/2.2_rev3/powerpc

Mandrake

Distribuição francesa baseada no Red Hat. Possui suporte para o português e traz excelentes recursos, tornando-o mais simples de usar, principalmente porque seu foco são os usuários domésticos. Atualmente na versão 8.0, utiliza kernel 2.2.19 e 2.4.4.
Sua ferramenta de instalação, o **DrakX**, é bastante avançada, satisfazendo tanto os usuários iniciantes quanto os mas experientes. Outra ferramenta é o **DiskDrake**, um software de particionamento, ideal para instalar o Mac OS e o Linux na mesma máquina. O **Lothar** é um ótimo software de detecção de hardware, capaz de detectar um novo hardware no momento do startup e adicionar todos os drivers necessários para controlá-lo. Não é Plug & Play, mas chega perto.
Trata-se de uma das mais completas e melhores distribuições para os iniciantes em Linux. O Mandrake 8.0 PPC ainda possui otimização para Macs G3, além das suas excelentes ferramentas de configuração e a última versão das interfaces gráficas para Linux.
Site: www.linux-mandrake.com/en
Download: ftp://mandrake.redbox.cz/Mandrake-iso/ppc

ROCK Linux

Distribuição Linux moderna, desenvolvida especialmente para administradores experientes de Linux/Unix. O ROCK Linux é uma pequena distribuição, mas não uma "minidistribuição". Ela vem com mais de 200 pacotes de softwares, incluindo as interfaces gráficas X11 e GNOME. Sua versão atual é a 1.4.0 e utiliza o kernel 2.4.6. Roda em Macs OldWorld e NewWorld.
Site: www.rocklinux.org
Download: ftp://gd.tuwien.ac.at/opsys/linux/ROCK

Para saber mais

KDE: www.kde.org
GNOME: www.gnome.org
WindowMaker: http://windowmaker.org
Mac on Linux: www.maconlinux.com
Macintosh Unix Solutions: http://w3.one.net/~beef/Unix.html
Macintosh Unix Info: www.brownout.com/macunix/index.html

SuSE

Distribuição alemã, voltada para o mercado profissional, com excelente suporte a idiomas, incluindo o português. O SuSE oferece uma excelente ferramenta de instalação, **YaST2**, que detecta automaticamente seu hardware e simplifica a configuração de itens como Internet, rede e impressoras. Seus quatro CD-ROMs incluem mais de mil aplicativos Open Source, especialmente compilados para utilização na plataforma PowerPC.
Foi recentemente adotado pelo governo da Alemanha para substituir o Windows em todos os PCs de órgãos governamentais, por questões de (adivinhe) segurança. Esta, por sinal, é outra vantagem dos sistemas Open Source. Como o código é aberto, não há como algum fabricante ou governo criar *backdoors* ("portas dos fundos") secretas para espionagem.
Site: www.suse.com
Download: ftp://ftp.suse.com/pub/suse/ppc/current

Yellow Dog

O **Yellow Dog Linux Champion Server** é uma versão do Linux para PowerPC desenvolvida pela Terra Soft Solution, utilizando atualmente o kernel 2.2.19 e 2.4.4. É focado no uso para Internet, intranets e desenvolvimento. O Champion Server oferece um ambiente poderoso para o desenvolvimento, com todas as ferramentas necessárias para montar servidores de email, FTP, NFS, Web e *proxy* (intranet e Internet), utilizando ainda o renomado servidor de Web Apache e quatro bancos de dados – no total, vem com mais de 900 aplicativos.
Site: www.yellowdoglinux.com
Download: ftp://ftp.yellowdoglinux.com/pub/Linux/distributions/yellowdog/iso

Turbolinux

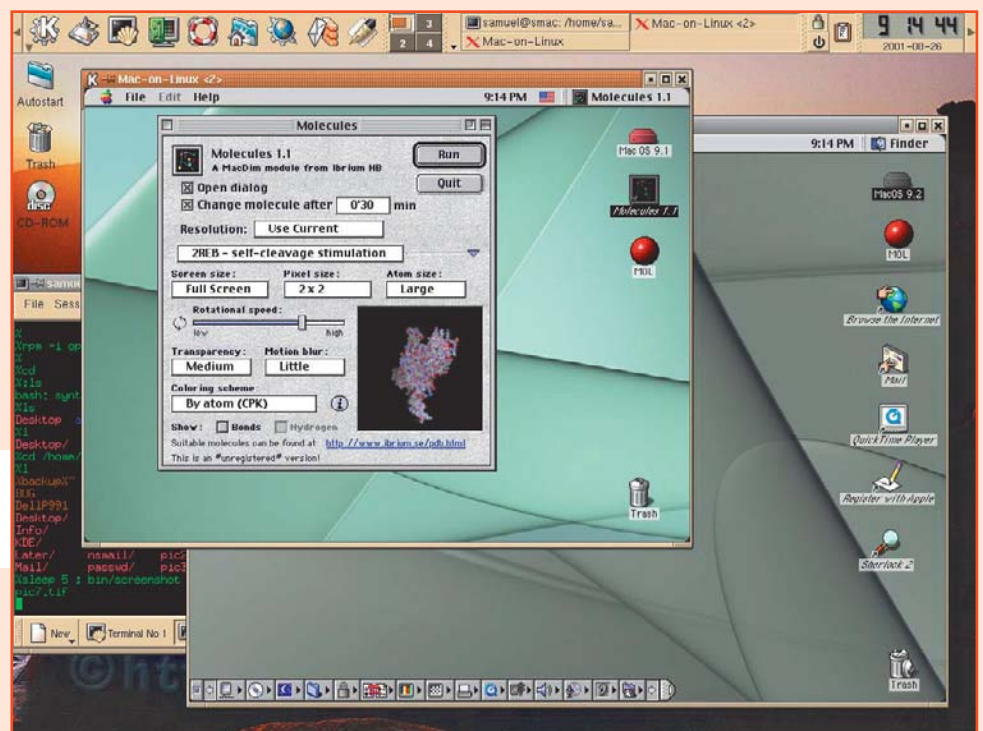
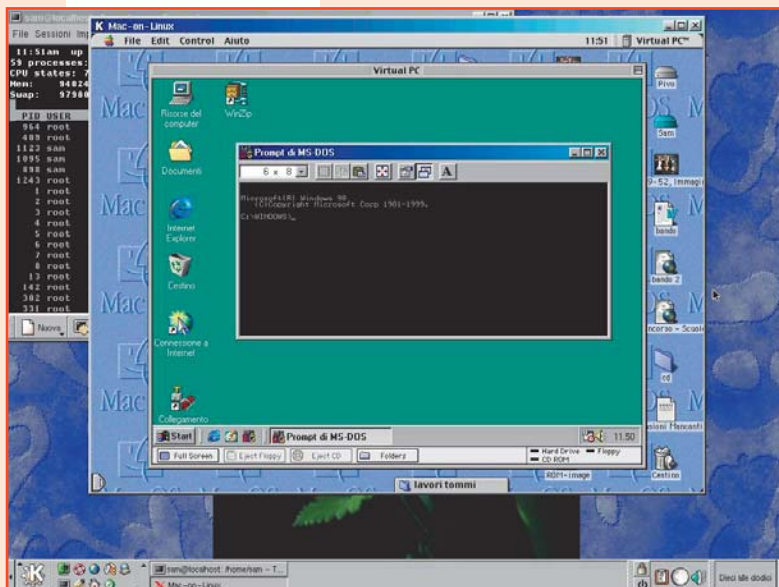
Tem seu foco voltado para o mercado de servidores de alto desempenho, com diversas soluções para o mercado de *clusters*, onde diversas máquinas trabalham executando um mesmo trabalho paralelamente. Sua versão atual é 7.2 e utiliza kernel 2.4.4.
Site: www.turbolinux.com
Download:
ftp://ftp.turbolinux.com/pub/TurboLinux/tls-6.5 ▸

Cadê minha interface gráfica?

Uma das principais diferenças do Linux para o Mac OS ou o Windows é que ele não tem uma interface gráfica, mas *várias*. Isso é uma característica geral dos sistemas Unix, herdada pelo Linux. A princípio, esses sistemas não tinham interface gráfica própria, mas apenas interface de modo texto, mais conhecida como linha de comando.
No Linux, chamamos cada uma dessas interfaces gráficas de **gerenciadores de janelas.** Eles trabalham utilizando um servidor de janelas **X-Window**, ou simplesmente X ("xis"). Um fato muito interessante sobre os gerenciadores de janelas de Linux no Macintosh é que você pode rodar o Mac OS clássico no Linux e executar seus programas de Mac OS no próprio Linux, utilizando o aplicativo **Mac-on-Linux.** O Mac-on-Linux não é um emulador: ele executa o Mac OS clássico diretamente, da mesma forma que o Mac OS X faz. Entre os gerenciadores de janelas mais conhecidos temos o KDE, o GNOME e o Window Maker. Vamos conhecer um pouco mais sobre cada um deles, pois provavelmente, independentemente da distribuição que você escolher, pelo menos um desses gerenciadores estará presente no CD de instalação.

KDE

O KDE (abreviação de *K Desktop Environment)* é muito poderoso, intuitivo, fácil de utilizar e possui inúmeros recursos gráficos, funcionalidades e facilidades para o usuário, além de um grande número de aplicativos escritos para ele.
A desvantagem de tanta facilidade é que você precisa uma máquina potente para utilizar o KDE de forma aceitável, caso contrário ele é muito lento.

KDE rodando duas sessões de Mac OS simultaneamente pelo Mac-on-Linux

KDE executando o Mac OS no Mac-on-Linux e este executando o Virtual PC

KDE rodando Windows

GNOME

O GNOME é compatível com muitos gerenciadores de janelas. É uma interface em grande desenvolvimento e com um grande número de aplicativos. Assim como o KDE, sua desvantagem é a necessidade de uma máquina potente para utilizá-lo aceitavelmente.

GNOME imitando a aparência Aqua do Mac OS X

Window Maker

Mac-on-Linux rodando o Mac OS 9 dentro do Window Maker

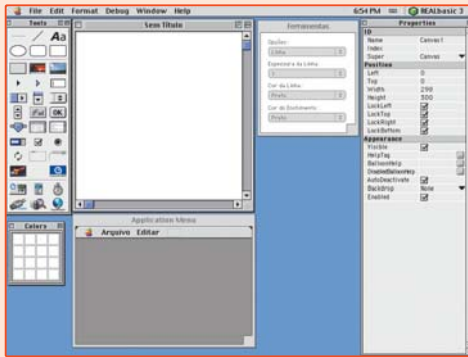
O Window Maker é um gerenciador de janelas leve e versátil, com muitos recursos que fazem dele um ambiente de trabalho bem prático. Sua interface é considerada única entre os gerenciadores de janelas do Linux, porque foi baseada na interface do NeXTSTEP, o sistema operacional desenvolvido pela NeXT que acabou se transmutando no Mac OS X (como você pode ver, esse mundinho Unix é uma ervilha). Outra caracteristica interessante é que, além de ser muito utilizado em todo o mundo, o Window Maker é brasileiro. Apesar de um pouco diferente, com um pouco de treino você rapidamente se adapta a ele. Esse gerenciador gráfico deverá ser a sua escolha se você estiver pensando em instalar o Linux em Macs antigos, pois tem uma interface muito mais leve. **M**

ALBERTO V. MENDONÇA
Ainda prefere o Mac OS X.

Construa um programa de desenho

Curso de REALbasic 3, parte 6

por Gilbert Canaan

Chegou a hora mais esperada do nosso tutorial: adicionar um bocado de código ao nosso software (batizado carinhosamente de *RealDRAW)* para torná-lo um programa de desenho de verdade. Lembre-se: nossos tutoriais são simplificados de propósito, para que você possa usar a sua criatividade e adicionar idéias e funcionalidades aos programas. Dessa maneira, você se familiarizará com as ferramentas do REALbasic e ao mesmo tempo poderá ver o quão versátil ele é. Mas chega de lenga-lenga e vamos ao trabalho.
Abaixo vemos o projeto do jeito como o deixamos no final da aula anterior:

1 Clique duas vezes na Janela1 para abrir o Editor de Código e selecione o evento `Open`. A idéia é criar uma página na memória para podermos desenhar com mais eficiência. Digite o código (o texto em vermelho *não* faz parte do código, é apenas para ilustrar):

```
  //Abre a Palete de Ferramentas
  Palete.Show

  // Este código só é usado quando a
janela é maior do que a página
  offPageColor=rgb(100,100,100) //Área
fora da página é cinza
  pageEdgeColor=rgb(0,0,0) // Aqui
desenhamos a linha em volta da página

  // Aqui estabelecemos a cor para
desenhar e a espessura da linha
  drawColor=rgb(0,0,0)
  drawWidth=1

  // Aqui afixamos os parâmetros
necessários para a figura
  picWidth=500
  picHeight=500
  picDepth=8    // Quantos bits de cor você
quer que sua página tenha (8, 16 ou 32)

  // Cria uma figura
 pic=newPicture(picWidth,picHeight,picDepth)

  // Aqui ajustamos as scrollbars
  doScrollBars
```

2 Tente executar o programa. Opa, não funcionou. Isso porque precisamos declarar algumas propriedades e métodos. Selecione o menu Editar ▸ Nova Propriedade (Edit ▸ New Property) e digite o seguinte código:

```
lastScrollerX As Integer
lastScrollerY As Integer
```

3 Se você tentar executar o programa novamente, ele ainda não funcionará, porque precisamos criar o método `doScrollBars`. Ele é responsável pela atualização da tela toda vez que o usuário clicar nas barras de rolagem. Selecione o menu Editar ▸ Novo Método, coloque no nome do método `doScrollBars` e digite o código:

```
  // Aqui estabelecemos a escala das
scrollbars
  if pic.width > Canvas1.width then
    Scrollbar1.maximum = pic.width -
Canvas1.width
  else
    Scrollbar1.maximum = 0 // A scrollbar
horizontal não está ativada
  end if
  if pic.height > Canvas1.height then
    Scrollbar2.maximum = pic.height -
Canvas1.height
  else
    Scrollbar2.maximum = 0 // A scrollbar
vertical não está ativada
  end if
```

4 Pronto. Agora podemos passar para o próximo passo, que é digitar o código da figura `ScrollBars` dentro do método `ValueChanged` (para as duas barras de rolagem, 1 e 2).

Para a Barra 1:

```
  // Move a figura no Canvas
  Canvas1.scroll lastScrollerX -
Scrollbar1.value, 0
  lastScrollerX = ScrollBar1.value
```

Para a Barra 2:

```
  // Move a figura no Canvas
  Canvas1.scroll 0, lastScrollerY -
ScrollBar2.value, 0
  lastScrollerY = ScrollBar2.value
```

5 Tente executar o programa novamente. Outra mensagem de erro. É preciso criar propriedades para o código que acabamos de digitar. Vá para Editar ▸ Nova Propriedade e digite essas duas linhas de código:

```
lastScrollerX As Integer
lastScrollerY As Integer
```

6 Execute o programa, clique nas setas das barras de rolagem e veja o que acontece. Ao clicar, a janela não é atualizada, fazendo com que as barras sejam desenhadas cada vez que você clicar na seta. Esse problema pode ser resolvido digitando-se um código que atualiza a tela toda vez que ela é modificada. No evento `Paint` do Controle `Canvas1`, digite:

```
  // Atualiza a janela

  refreshCanvas 0,0,me.width,me.height
  refreshBackground
```

7 O código que acabamos de digitar ativa dois métodos (que criaremos a seguir) para gerenciar a atualização da janela. O método `refreshCanvas` atualiza a área dentro da página e o método `refreshBackground` atualiza a área fora da página. Depois de criar o método, digite o código correspondente.

Nome: `refreshBackground`

```
  // Desenha a linha em volta da página e a
área do lado de fora

  Canvas1.graphics.penWidth=1
  Canvas1.graphics.penHeight=1

  if Scrollbar2.value=0 and
Scrollbar1.value=0 then
    Canvas1.graphics.foreColor=offPageColor
    Canvas1.graphics.fillRect picWidth,
picHeight, Canvas1.width-picWidth,
Canvas1.height-picHeight
  end if

  if Scrollbar1.value=0 then
    Canvas1.graphics.foreColor=offPageColor
    Canvas1.graphics.fillRect picWidth, 0,
Canvas1.width, picHeight+1
    Canvas1.graphics.foreColor=pageEdgeColor
    Canvas1.graphics.drawline picWidth, 0,
picWidth, picHeight+1
  end if

  if Scrollbar2.value=0 then
    Canvas1.graphics.foreColor=offPageColor
    Canvas1.graphics.fillRect 0, picHeight,
picWidth+1, Canvas1.height
    Canvas1.graphics.foreColor=pageEdgeColor
    Canvas1.graphics.drawline 0, picHeight,
picWidth, picHeight
  end if

  Canvas1.graphics.penWidth=drawWidth
  Canvas1.graphics.penHeight=drawWidth
```

Nome: `refreshCanvas`

Parâmetros: `firstX As Integer, firstY As Integer, secondX As Integer, secondY As Integer`

```
  dim destX, destY, destWidth, destHeight
as integer
  dim sourceX, sourceY, sourceWidth,
sourceHeight as integer

  // Certifica de que a primeira esquina
é o superior esquerda e a segunda é a
inferior direita
  if firstX<secondX then
    destX=firstX
    destWidth=secondX-firstX+drawWidth
  else
    destX=secondX
    destWidth=firstX-secondX+drawWidth
  end if

  if firstY<secondY then
    destY=firstY
    destHeight=secondY-firstY+drawWidth
  else
    destY=secondY
    destHeight=firstY-secondY+drawWidth
  end if

  // Aqui estabelecemos as coordenadas,
para ter certeza de que não referenciaremos
```

```
uma área
  // da figura off screen que não existe
  sourceX=destX+Scrollbar1.value
  sourceY=destY+Scrollbar2.value
  sourceWidth=destWidth
  sourceHeight=destHeight

  // Aqui nos certificamos de que não
desenharemos na área fora da página
  if sourceX+sourceWidth>picWidth then
    sourceWidth=picWidth-sourceX
    destWidth=sourceWidth
  end if
  if sourceY+sourceHeight>picHeight then
    sourceHeight=picHeight-sourceY
    destHeight=sourceHeight
  end if

  // Atualiza a área modificada
  Canvas1.graphics.drawpicture pic, destX,
destY, destWidth, destHeight, sourceX,
sourceY, sourceWidth, sourceHeight
```

8 Execute o programa e aumente o tamanho da janela. Você verá que agora a área fora da página é desenhada.

9 Agora vamos implementar mais dois códigos ao nosso programa. No evento `Resized` da Janela1, precisamos simplesmente digitar uma linha de código para que o programa saiba que, quando você aumentar ou diminuir o tamanho da janela, a página precisará ser atualizada.

```
  // Reajusta as scrollbars
  doScrollBars
```

O segundo código deve ser digitado no evento `MouseDown` do controle `Canvas1`. Esse código inicializa algumas variáveis e estabelece cores e espessura da linha de desenho.

```
  // Aqui estabelecemos algumas variáveis
  oldX=X
  oldY=Y
  startX=X
  startY=Y
  drawX=X
  drawY=Y

  me.graphics.foreColor=drawColor
  me.graphics.penWidth=drawWidth
  me.graphics.penHeight=drawWidth

  return true // Aqui permitimos que
o usuário arraste o cursor
```

10 Não podemos nos esquecer de criar as propriedades necessárias para esses códigos. Vamos lá, então:

```
drawX As Integer
drawY As Integer
startX As Integer
startY As Integer
oldX As Integer
oldY As Integer
```

11 Agora, para o evento `MouseDrag` do controle `Canvas1`, vamos digitar o código que possibilita desenhar na página.

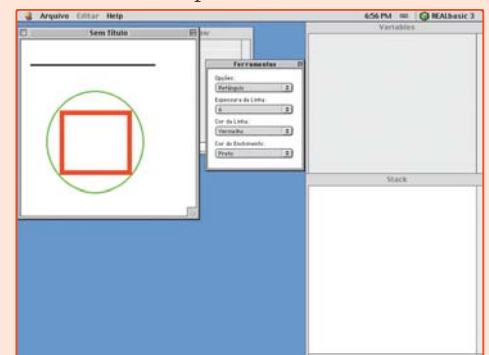
```
  dim penWidth as integer
  dim refreshNeeded as boolean

  if ferramenta="oval" then
    penWidth=0
  else
    penWidth=drawWidth
  end if

  // Estabelece drawX e drawY de maneira
que eles não podem sair da área de desenho
  if X>picWidth-Scrollbar1.value-penWidth
then
    drawX=picWidth-Scrollbar1.value-penWidth
  elseIf X<-Scrollbar1.value then
    drawX=-Scrollbar1.value
  else
    drawX=X
  end if
  if Y>picHeight-Scrollbar2.value-penWidth
then
    drawY=picHeight-Scrollbar2.value-
penWidth
  elseIf Y<-Scrollbar2.value then
    drawY=-Scrollbar2.value
  else
    drawY=Y
  end if

  // Implementamos os tipos de desenho aqui
  select case ferramenta
  case "rect"
    // Desenha o retângulo
    refreshCanvas startX,startY,oldX,oldY
    me.graphics.drawRect startX, startY,
drawX-startX, drawY-startY
  case "oval"
    // Desenha o oval
    refreshCanvas 0,0,picWidth-
Scrollbar1.value,picHeight-Scrollbar2.value
    me.graphics.drawOval startX, startY,
drawX-startX, drawY-startY
  case "line"
    // Desenha a linha
    refreshCanvas startX,startY,oldX,oldY
    me.graphics.drawLine startX, startY,
drawX, drawY
  end select

  oldX=X
  oldY=Y
```

12 Finalmente ,vamos digitar o último código da Janela1, no evento `MouseUp` do controle `Canvas1`.

```
  // Salva o novo objeto desenhado na
figura off-screen
  pic.graphics.foreColor=drawColor
  pic.graphics.penWidth=drawWidth
  pic.graphics.penHeight=drawWidth

  if X<>startX or Y<>startY then // O
cursor se moveu
    select case ferramenta
    case "line"
      pic.graphics.drawLine
startX+Scrollbar1.value,
startY+Scrollbar2.value,
drawX+Scrollbar1.value,
drawY+Scrollbar2.value
    case "rect"
      pic.graphics.drawRect
startX+Scrollbar1.value,
startY+Scrollbar2.value, drawX-startX,
drawY-startY
    case "oval"
      pic.graphics.drawOval
startX+Scrollbar1.value,
startY+Scrollbar2.value, drawX-startX,
drawY-startY
    end select
  end if

  // Atualiza a página
  refreshCanvas 0,0,picWidth-
Scrollbar1.value,picHeight-Scrollbar2.value
```

13 Falta pouco. Só precisamos digitar um pouco de código na palete de ferramentas e então teremos o nosso programa terminado. Na verdade, os códigos da palete são simples. Eles simplesmente descobrem qual é a ferramenta escolhida pelo usuário. Digite os códigos abaixo em seus respectivos eventos `Change` dos controles `PopupMenu1`, `PopupMenu2` e `PopupMenu3` na janela Palete de Ferramentas.

```
PopupMenu1

  select case me.listIndex
  case 0 // Desenha uma linha
    Janela1.ferramenta="line"

  case 1 // Desenha o retângulo
    Janela1.ferramenta="rect"

  case 2 // Desenha o oval
    Janela1.ferramenta="oval"
  end select

PopupMenu2

  select case me.listIndex
  case 0
    Janela1.drawWidth=1
  case 1
    Janela1.drawWidth=2
  case 2
    Janela1.drawWidth=3
  case 3
    Janela1.drawWidth=4
  case 4
    Janela1.drawWidth=6
  case 5
    Janela1.drawWidth=8
  end select

Popupmenu3

  select case me.listIndex
  case 0
    // preto
    Janela1.drawColor=rgb(0,0,0)
  case 1
    // vermelho
    Janela1.drawColor=rgb(255,0,0)
  case 2
    // verde
    Janela1.drawColor=rgb(0,255,0)
  case 3
    // azul
    Janela1.drawColor=rgb(0,0,255)
  end select
```

14 Agora execute o programa. Escolha uma ferramenta (oval, linha, ou retângulo) e mãos a obra. Finalmente, você poderá desenhar com diferentes espessuras e cores de linha.

15 Parabéns! Mais um tutorial bem-sucedido. A palete de ferramentas possui mais uma opção, chamada "Cor de Enchimento". Será que você consegue implementar essa opção no programa? Revise todo o código e analise onde essa opção poderia ser implementada para funcionar corretamente. Boa sorte e bons programas. **M**

GILBERT CANAAN
É fundador da Canvicz Software e trabalha com Mac desde 1988.
Colaborou: Sérgio Miranda

Photoshop 6.0
Guia Autorizado Adobe
Sala de aula na forma de livro

Programas da Adobe, em particular o Photoshop, têm a tradição de virem com ótimos manuais, muito bem estruturados, que explicam tudo sem deixar escapar um só detalhe. Mas, se você quiser aprender a trabalhar no programa sem fazer um curso, vai descobrir que o jeito é decorar o manual inteiro e depois tentar encaixar as informações na cabeça para descobrir... *a lógica por trás de cada coisa.* Digamos que esse não é o método mais eficiente de aprender. Um tutorial também pode ser muito bom, mas se você não for informado da lógica interna do exercício, cai na mesma situação de só possuir o manual. Não vai se contentar em saber apenas como selecionar pela cor o contorno daquela pêra que vem no CD de exemplos.

Em ambos os casos, o que falta mesmo é algo que declare explicitamente o que é que tá pegando; por exemplo, por que você deve corrigir as curvas *antes* e dar Sharpen *depois,* e não o contrário.

É essa a idéia da série de livros *"Classroom in a Book",* renomeada no Brasil para *"Guia de Treinamento Oficial da Adobe"* para não deixar a menor dúvida sobre sua finalidade. A contracapa já avisa aos espertinhos: *não* é um "manual para quem tem o programa mas não o manual". O visual é idêntico, a capa é quase a mesma, mas o formato interno *não* é igual. O texto não lista cada uma das opções das ferramentas; explica o seu funcionamento na prática.

Se você quiser seguir as dezenas de tutoriais à risca, pegue o CD anexo com os arquivos-exemplo e divirta-se. Se a sua intenção é apenas tirar uma dúvida, tudo bem, porque cada tutorial é precedido de uma explicação rápida, que fornece exatamente aquilo que falta no manual... *a lógica por trás de cada coisa.*

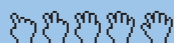
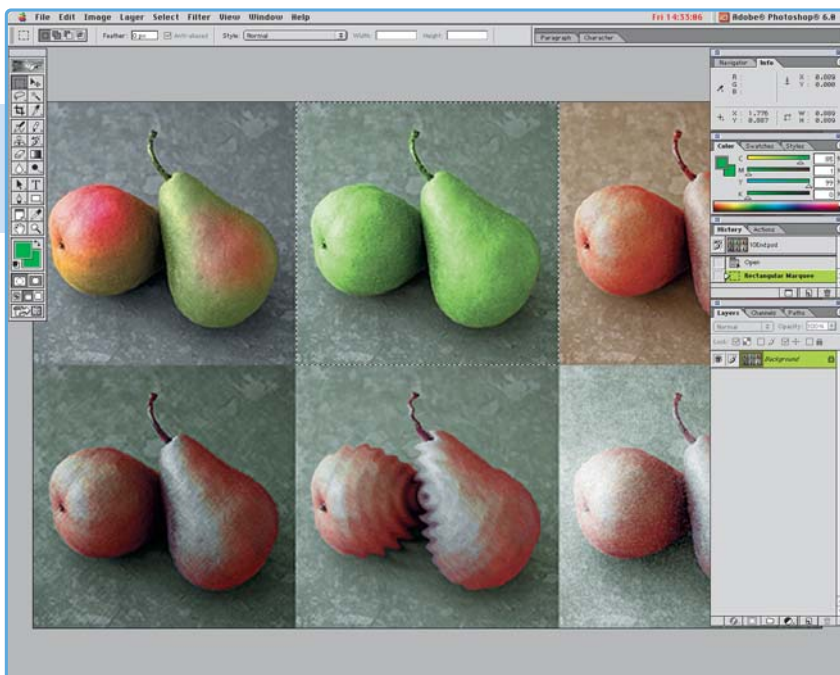
É possível também ler as lições em ritmo expresso, pulando os tutoriais e prestando atenção somente às explicações e notas.

Apesar da enorme quantidade de exercícios, tenho a impressão de que é possível um aluno aplicado aprender a se virar completamente no Photoshop em um tempo menor que as duas semanas que as 17 "lições" sugerem. A complexidade é cumulativa e o texto elucida de passagem a maioria das "pegadinhas" comuns, aqueles pequeninos vacilos da vida real capazes de estragar o seu trabalho inteiro antes de que você se dê conta.

O livro inteiro é multiplataforma: traz as instruções específicas e atalhos de teclado do Mac e do Windows. É engraçada a mistureba de capturas de telas das duas plataformas, mas isso também acontece no manual oficial. Curioso é notar que, embora o Photoshop para Windows tenha tradução para o português, todas as telas no livro são do software em inglês. Mas o jargão é radicalmente traduzido, até o ponto de desorientar um pouco quem só usou o programa em inglês. Demora-se a atinar com o sentido de "camada de estilo", "marquise", "ponto do caminho", assim como é meio esquisito ler "palheta" com "lh" e "dégradé" com grafia à francesa. Ficam alguns deslizes, como chamar *"color gamut"* de "gamut" em alguns lugares e de "escala" em outros. Mas esse tipo de detalhe não compromete o nível dos esclarecimentos.

Há uma coisa que destoa um pouco no livro. É o mantra, repetido por toda parte, de *"produzir imagens para a Web".* É provável que hoje já haja mais fotoxopistas profissionais criando imagens para a Web do que para o papel, é compreensível que a Adobe bote toda a sua fé na integração do Photoshop com o GoLive etc. Mas as lições do livro que não falam de *rollovers* e GIFs fatiados continuam sendo totalmente baseadas na produção gráfica de mídia de papel – e, para falar a verdade, não há o menor problema nisso, já que tudo o que realmente importa é... *a lógica por trás de casa coisa.*

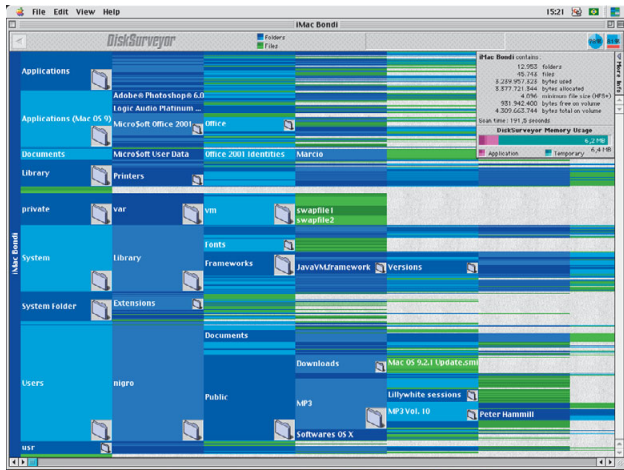
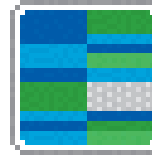
MARIO AV www.marioav.com
Aprendeu o Photoshop pelo meio *menos* eficiente.

Por que os exercícios são sempre tão bregas?

Editora Campus: 21-509-5340
Preço: R$ 79

Pró: Completo; bem escrito; leia e saia fazendo de tudo em poucos dias

Contra: Não precisa explicar de novo que o barato é fazer imagens para a Web!

DiskSurveyor

Um modo diferente de ver seus discos

Manter a faxina de seu HD em dia pode ser uma tarefa ingrata. Quanto mais arquivos e pastas houverem guardadas, maior a dificuldade. É por isso que temos que valorizar programas como o DiskSurveyor. A idéia desse software é simples e óbvia: visualizar graficamente o que está ocupando espaço em seu disco. Nada mais lógico do que ter a visão do todo e suas partes para identificar onde o lixo está se acumulando. Ao abrir o programa, você pode verificar um HD inteiro ou pastas específicas. Dependendo do volume de informação, o processo pode levar alguns minutos. As pastas e os arquivos são mostrados na forma de blocos coloridos proporcionais ao espaço ocupado no disco.

O processo de investigação é muito fácil. Depois de o mapeamento ter sido feito, é só clicar em uma pasta para dar um zoom e examiná-la mais de perto. Se você encontrar alguma pasta que aparente estar cheia demais para seu gosto, dê um Shift-clique nela e ela aparecerá numa janela no Finder. Caso existam itens deletáveis nela, basta arrastá-los para a lixeira. O DiskSurveyor também gera gráficos em forma de pizza ou barra que dizem qual a porcentagem utilizada de qualquer HD, mídias removíveis e até mesmo de volumes de rede montados no desktop.

Outros recursos úteis são a possibilidade de imprimir os diagramas e os filtros para que o programa apenas mostre arquivos de determinado tipo, que tenham sido gerados antes ou depois de certa data, ou que contenham palavras ou letras específicas no nome.

O shareware custa US$ 15 e é compatível com o System 7 em diante, com exceção do Mac OS X. Certamente, um programa essencial para qualquer macmaníaco.

DISKSURVEYOR 2.5

Quem faz: www.twilightsw.com

Preço: US$ 15 (Shareware)

Pró: Essencial para limpar seu HD

Contra: Não roda no Mac OS X

De murros em faca a soquinhos no ar

Tenho a Apple no sangue e gostaria muito de ajudar as pessoas a usarem mais e melhor seus Macs. Mas não sou nenhum técnico em hardware e conheço bem apenas alguns aplicativos de nicho. Além disso, a Apple já tem bons especialistas e desenvolvedores nos Road Shows da vida...

Enfim, onde posso colaborar é dando palpites nas áreas de Marketing e de Web (já trabalhei com design para a Web e estou fazendo MBA em Marketing), onde a Apple Brasil, vamos convir, é muito fraca. Infelizmente, a indústria pecezeira, aqui, também tomou conta da cena do webdesign.

Hoje, o grande evento de marketing da Apple Brasil são os Road Shows. São eventos fechados no seu nicho já cativo para falar de suas tecnologias e produtos.

O problema é que, embora atraia predominantemente um público especializado, o Road Show é um formato que aprofunda muito pouco essas ferramentas poderosas e sensacionais. Com o investimento necessário para produzir sua turnê pelo Brasil, a empresa poderia aumentar sua atuação direta em faculdades de Ciências da Computação, produtoras de Web, portais e até – por que não? – nos CPDs das grandes corporações. Esse público é totalmente ignorante em termos de hardware e software Apple. Portanto, merece um atendimento personalizado...

Ao que parece, a política da matriz é "o que é bom para os EUA é bom para o Brasil" (qual o impacto da campanha "Think Different" nas vendas da Apple por aqui?). Será que não existe ninguém com autonomia suficiente na filial pra chegar lá em Cupertino com um perfil do macroambiente brasileiro e como ele tem interferido no mercado de informática nos últimos 10 anos? Alguém que tenha respostas a algumas perguntas básicas:

> O que é bom para os EUA não é necessariamente bom para o Brasil

- O que pode ser feito para justificar a venda de um equipamento (muito) mais caro cuja percepção da marca é *negativa* fora de seu nicho de mercado?
- Qual é o público que se deseja atingir?
- Qual é exatamente o perfil do cliente fiel?
- Até que ponto esse cliente é fiel?
- Como a política dos canais de distribuição e venda afeta a aceitação do produto? Qual oferta de valor agregado se deve adotar para melhorá-la (curso gratuito de Mac OS nas revendas; pronta-entrega; reparo eficiente e em curto prazo; troca imediata de produto defeituoso na garantia; maior disponibilidade de software e periféricos; fornecer uma lista de contatos profissionais de interesse da área do novo comprador que também usem Mac; etc.)?

Garanto que as respostas serão bem diferentes das que a Apple tem a respeito do mercado americano.

O Macintosh é um produto de altíssima qualidade, voltado para pessoas criativas. Independentemente da área de atuação, a Apple posiciona seus produtos para quem quer facilidade de uso, velocidade e possibilidade de defeito muito menor do que a concorrência, certo? Portanto, deve instigar as pessoas a tirarem leite do equipamento. O usuário deve estar no controle, e não ser controlado pela máquina. O design Apple vai muito além da qualidade do material e da estética: é ergonomia e intuitividade. Assim sendo, tanto a atitude como o treinamento e a estética das revendas deveria ser muito mais revolucionária, moderna, ágil. E isso está longe de ser o que encontramos no país inteiro.

Bom, nem vou falar sobre a necessidade de manufatura local...

Tudo isso custa caro? Custa. Quem vai pagar a conta? A Apple ou as revendas? Se a empresa acredita que é possível aumentar seu *market share* de 1,5% para algo entre 5% e 10% nos próximos três anos, por que não? A gente pode ganhar dinheiro ou não pode? A gente quer ganhar dinheiro ou não quer?

Sabemos que dirigir a Apple Brasil é encrenca. Estar em um país de Terceiro Mundo, cheio de impostos, vendendo um produto cujo *market share* é irrisório e que pode custar de 30% a 600% mais caro do que o "padrão" do mercado. Não é mole, não.

Mas é preciso investigar o mercado para saber por onde despertar o *desejo* dos possíveis usuários e ajudar a aumentar nossa plataforma. Eu, como muitos macmaníacos, estou disposto a ajudar no que for preciso. Afinal de contas, não quero mais pagar 105% sobre o valor em dólar por um Mac no Brasil!

HELIO SASSEN PAZ

Designer, 28; em todos estes anos nesta indústria vital, jamais imaginou que teria vontade de ser mais do que um evangelista não-remunerado!